

SOCIEDADE E VALORES DOS EUA

VOLUME 6 PUBLICAÇÃO ELETRÔNICA DO DEPARTAMENTO DE ESTADO DOS ESTADOS UNIDOS NÚMERO 1

A Família Norte-americana





EDITORIAL

*A*s famílias são a base de todas as sociedades. Elas podem compreender desde um pequeno grupo até multidões de indivíduos e variam desde estruturas simples (tais como um casal e um filho sob um mesmo teto) até combinações de múltiplas gerações, extremamente complexas, que vivem em uma ou mais residências. À medida que a sociedade evolui, invariavelmente evolui a estrutura familiar. Com a modificação de outros fatores (como, por exemplo, a expectativa de vida ou atitudes relativas à adoção), o impacto sobre a família é considerável.

A estrutura tradicional da família norte-americana (mãe, pai e filhos) continua a prevalecer, em sua maioria, no limiar de um novo século. Ainda assim, ao longo das últimas décadas, a sociedade norte-americana presenciou uma evolução da estrutura familiar e da vida diária em

muitos aspectos, devido a inúmeros fatores, que incluem desde os avanços da ciência até a composição do local de trabalho. Pais solteiros, lares adotivos, padrastos e madrastas, pais que ficam em casa, avós que criam crianças são apenas alguns dos novos quadros do mosaico.

Esta edição de "Sociedade e Valores dos Estados Unidos" busca definir o amplo quadro que atualmente constitui a "família", de que forma os diversos elementos influem sobre a sociedade de forma geral e os desafios sendo enfrentados. Abordamos a constituição da família norte-americana, a mudança de papéis e responsabilidades de pais e avós e o impacto de um local de trabalho em evolução sobre a vida familiar. E ouvimos as opiniões de adultos e crianças de diversas perspectivas e em diferentes circunstâncias.

Nesta apresentação, reconhecemos que outro relatório, em momento diferente em futuro próximo ou distante, muito provavelmente será distinto. ■

SOCIEDADE E VALORES DOS EUA

PUBLICAÇÃO ELETRÔNICA DO DEPARTAMENTO DE ESTADO DOS ESTADOS UNIDOS

VOL. 6 / ESCRITÓRIO DE PROGRAMAS INTERNACIONAIS DE INFORMAÇÃO / DEPARTAMENTO DE ESTADO DOS ESTADOS UNIDOS / Nº. 1
ejvalues@pd.state.gov



JANEIRO DE 2001

CONTEÚDO

A FAMÍLIA NORTE-AMERICANA

5

REFLEXÕES SOBRE A FAMÍLIA

CONVERSA COM DOUGLAS BESHAROV

Quais são as características estruturais da família norte-americana e como ela deverá evoluir no futuro próximo? Um importante acadêmico e pesquisador oferece sua perspectiva e previsões.

8

A FAMÍLIA NORTE-AMERICANA EM NÚMEROS

As estatísticas revelam o grau de mudanças das famílias e lares dos Estados Unidos durante o último meio século.

10

O QUE COMPÕE UMA FAMÍLIA?

CONVERSA COM MARK HUTTER

O debatedor, professor universitário de Sociologia, oferece algumas idéias sobre várias mudanças que ocorreram na dinâmica familiar nas últimas duas décadas.

12

A FAMÍLIA NORTE-AMERICANA: ONDE NOS ENCONTRAMOS HOJE

STEPHANIE COONTZ

A autora, que escreveu extensamente sobre a família nos Estados Unidos, apresenta sua perspectiva sobre os desafios enfrentados pelas famílias norte-americanas e como as famílias estão lidando com eles.

15

O PAPEL DO PAI REDEFINIDO NO LAR NORTE-AMERICANO

LESLIE MANN

O número de pais nos Estados Unidos que tomam conta dos filhos em lares com dois pais aumentou consistentemente na última década. Neste artigo, o autor transmite pontos de vista representativos dos próprios pais.

18

O ENVELHECIMENTO DA FAMÍLIA NORTE-AMERICANA

CONVERSA COM ELINOR GINZLER

A autora, especialista em saúde e assistência a longo prazo, está atualmente analisando questões entre gerações. Ela fala sobre algumas de suas descobertas.



20

LAÇOS FORTES UNEM AVÓS E NETOS NOS ESTADOS UNIDOS

Este artigo descreve resumidamente as descobertas de uma recente pesquisa da Associação Norte-Americana de Aposentados.

21

PENSAMENTOS ESPECIAIS DE UMA MÃE ESPECIAL

GAY ROBIN LABRUM

Sete anos de tentativa e erro produziram para a autora, mãe de uma criança com múltiplas deficiências, numerosas lições que ela oferece aos leitores nesta mensagem absolutamente pessoal.

23

REENQUADRANDO O DEBATE SOBRE TRABALHO E FILHOS

ELLEN GALINSKY

É essencial que os filhos sejam parte da discussão sobre trabalho e vida familiar, observa a autora, que atua há muitos anos como especialista em família, locais de trabalho e comunidade norte-americana.

26

AS VOZES DAS FAMÍLIAS NORTE-AMERICANAS

TIFFANY DANITZ

Através da mistura de vozes de crianças e adultos que discutem sobre seus lares, emerge este retrato da família norte-americana contemporânea.

31

APRIMORAMENTO DO LAR

LAURA SHAINÉ CUNNINGHAM

Cada lar ou família é uma cultura em si própria, escreve a autora (renomada romancista e biógrafa), ressaltando que o propósito da família permanece constante.

34

BIBLIOGRAFIA E SITES NA INTERNET

Se desejar saber mais sobre . . .



SOCIEDADE E VALORES DOS EUA

Editor Chefe.....Judith S. Siegel

Editor.....Craig B. Springer

Editor Gerente.....Michael J. Bandler

Editores Associados, Referência/Pesquisa ...Mary Ann V. Gamble
Kathy Spiegel

Editores Colaboradores.....Charles Goss

Inga McMichael

Rosalie Targonski

Diretor de Arte.....Thaddeus A. Miksinski, Jr.

Assistente Gráfico.....Sylvia Scott

Editor de Internet.....Wayne Hall

Conselho Editorial

Howard Cincotta Judith S. Siegel Leonardo Williams

O Escritório de Programas Internacionais de Informação do Departamento de Estado dos Estados Unidos oferece produtos e serviços que expõem as políticas, sociedade e valores dos Estados Unidos a audiências estrangeiras. O Escritório edita cinco publicações eletrônicas que examinam questões importantes enfrentadas pelos Estados Unidos e pela comunidade internacional. As publicações — *Perspectivas Econômicas*, *Questões Globais*, *Questões de Democracia*, *Agenda da Política Externa dos Estados Unidos* e *Sociedade e Valores dos Estados Unidos* — oferecem informações sobre a política norte-americana, além de análises, comentários e informações básicas em suas áreas temáticas. ■ Todas as publicações são editadas em versões em inglês, francês, português e espanhol, com temas selecionados também sendo publicados em árabe e russo. As edições em língua inglesa são publicadas em intervalos de cerca de um mês. As versões traduzidas normalmente seguem-se ao original em inglês após duas a quatro semanas. ■ As opiniões expressas nas publicações não refletem, necessariamente, as opiniões ou políticas do governo dos Estados Unidos. O Departamento de Estado dos Estados Unidos não assume responsabilidade pelo conteúdo e pela contínua acessibilidade de sites da Internet ligados ao presente; essa responsabilidade reside unicamente com os responsáveis por tais sites. Artigos podem ser reproduzidos e traduzidos fora dos Estados Unidos, exceto pelos artigos que possuam restrições explícitas de direitos autorais sobre esse uso. Usuários potenciais de fotos com créditos são obrigados a obter autorização de uso junto à mencionada fonte. ■ As edições atuais ou anteriores das publicações, bem como o índice das publicações futuras, podem ser encontradas na Home Page Internacional do Escritório de Programas Internacionais de Informação na World Wide Web, no endereço "<http://usinfo.state.gov/journals/journals.htm#port>". Elas são disponíveis em diversos formatos eletrônicos para possibilitar a leitura on line, transferência, downloading e impressão. ■ Envie seus comentários à sua Embaixada local dos Estados Unidos ou aos escritórios editoriais: *Editor, Sociedade e Valores dos Estados Unidos* / *Equipe de Sociedade e Valores* — IIP/T/SV / Departamento de Estado dos Estados Unidos / 301 4th Street SW / Washington, D.C. 20547 / Estados Unidos da América
E-mail: ejvalues@pd.state.gov



REFLEXÕES SOBRE A FAMÍLIA

CONVERSA COM DOUGLAS BESHAROV

Douglas Besharov, acadêmico residente do Instituto Empresarial Norte-Americano para Pesquisas de Política Pública, em Washington, D. C., e Professor da Faculdade de Questões Públicas da Universidade de Maryland, dedicou muita de sua atenção a aspectos da vida familiar e das necessidades das famílias, à medida que evoluíram ao longo dos anos. Diretor do Projeto de Responsabilidade Social e Individual da AEI, ele é autor de diversos livros sobre crianças, educação e os pobres. No momento, ele está trabalhando no seu próximo livro, *Famílias Norte-Americanas: Tendências, Explicações e Escolhas*, que é o tema da conversa a seguir.

P: Quais são as condições das famílias nos Estados Unidos, tomadas como um todo, de acordo com suas descobertas até o momento?

R: Acho que a família norte-americana está no limiar do que podemos chamar de mudança sísmica. De um lado, as pessoas observam as mudanças que estão acontecendo, que refletem as catástrofes e a convulsão social. Outros observam licenciosidade. Eu vejo um processo mais progressista e evolucionário, ocasionado por uma combinação de melhores condições de vida, individualidade e mobilidade. O casamento tradicional, acredito, está sendo remodelado. Mas as atitudes tradicionais sobre a importância da família (e somente em grau menor do casamento) resistem. Acho que a razão do grau um pouco menor de relação com o casamento é que

o casamento é menos importante na América contemporânea, e isso irá prosseguir ao longo do tempo.

P: Como o sr. observou, existem pontos de vista contrários; alguns observam a família em termos mais otimistas e outros, muito mais sombrios.

R: Não acho que os dados apóiem a noção de que a família está mais forte do que nunca. Ela está claramente sofrendo algumas mudanças. Não se pode ter três décadas e meia de altos índices de divórcio (como temos) e cinco décadas de cada vez mais nascimentos fora do casamento e não observar nenhuma mudança. A mudança está em toda parte. A única questão é se ela é catastrófica ou simplesmente uma evolução.

P: Mudança ou evolução, o impacto de forças e influências externas pode ser um fenômeno positivo. Quais são os exemplos de desenvolvimentos que foram incorporados suavemente à vida familiar — melhorando-a?

R: Em termos do que ocorreu suavemente, existem duas mudanças significantes que ocorreram nas famílias intactas. A primeira é a redução do número de filhos. A segunda é que as mães em idade escolar e as crianças mais jovens uniram-se à força de trabalho, seja em período integral ou parcial. Essa transição ocorreu de forma realmente suave. Reduzimos o tempo que os pais gastam na criação dos filhos. Alguns gostam disso, outros não. Mas todos aceitam o fato de que isso ocorreu de forma relativamente suave.



P: O sr. diria que as crianças se ajustaram bem a isso?

R: Acho que esta é uma questão em aberto.

P: Quais são os desdobramentos que causam preocupações - e eles podem ser modificados ou revertidos?

R: Acho que a maior preocupação é que pessoas jovens (normalmente adolescentes pobres e sem formação) estão tendo filhos fora do casamento sem os recursos necessários para cuidar deles adequadamente. Costumávamos chamar isso de "crianças tendo crianças". Ainda acho que é o que está acontecendo. Teve um revestimento de pobreza; um alto componente de pobreza que ajuda a mantê-lo. Esse é um mau desdobramento para as crianças, e também não é bom para suas mães. Prejudica o seu crescimento. Esse é o problema mais sério enfrentado pela sociedade pós-industrial em todo mundo pois, como você sabe, os nascimentos fora do casamento estão aumentando em toda parte.

P: As estatísticas recentes não indicam que a castidade, ou abstinência, está começando a surgir em alguns lugares?

R: Sim, mas em bases limitadas. A linha de tendência está na direção certa, mas é muito indefinida. Desde cerca de 1992, as taxas de natalidade começaram a mudar. Mas isso significa que retornamos apenas aos níveis de 1983 ou 1984.

P: Afirma-se que, nas famílias de hoje, existem diversas misturas de categorias (avós, padrastos, pais solteiros) com diferentes valores. O que acontece quando esses sistemas de valores diferentes entram em confronto? Atinge-se um consenso? Qual é o resultado?

R: Eu as chamaria de alianças. A família tradicional, hierárquica e de múltiplas gerações, tinha esses papéis claramente definidos. Os avós sempre achavam que sabiam melhor como criar os filhos mas, até certo ponto, eles sabiam que os pais tinham a última palavra sobre o que acontecesse com as crianças. Esses novos relacionamentos que você mencionou criam situações em que o direito dos adultos do lar terem uma opinião e terem sua opinião ouvida é incerto. A responsabilidade de adultos diferentes no lar é incerta e confusa. Isso cria oportunidades adicionais de atrito na família contemporânea, já que os relacionamentos não são tão claramente compreendidos pelos participantes.

P: E essa incerteza afeta as linhas de autoridade.

R: Exatamente.

P: A geração mais velha ainda é olhada com respeito, embora essa geração seja representada em uma residência?

R: Acho que fica complicado, especialmente na estrutura do divórcio. Você parece (especialmente para os homens que deixaram o lar) ter menos autoridade. As mulheres que permaneceram na casa às vezes parecem, aos olhos dos seus filhos, ser mercadorias com defeito. Acho que parte da autoridade moral ou familiar que detém a geração mais velha vem do fato de terem navegado com sucesso ao longo do casamento e da vida familiar. Se esse não for o caso, isso mina a sua autoridade.

P: Parece que parte da razão por que os avós estão tomando os lares de tempos em tempos é que a expectativa de vida cresceu.

R: Temos duas tendências diferentes ao mesmo tempo. As famílias de renda média e mais alta estão presenciando o advento da geração do sanduíche. Os avós são velhos demais para criar seus netos e acabam também por serem criados pelos seus netos. Nas famílias de baixa renda, a distância entre as gerações está diminuindo. Pode-se ter uma mãe de quinze anos de idade com sua mãe de trinta ou 35 anos. Assim, a avó pode desempenhar papel mais ativo com seus netos mas, por ser mais jovem, ela pode sentir ter mais da sua própria vida para viver. É muito relativo à classe social e esta pode ser a causa de grandes tensões.

P: O que podemos esperar no futuro próximo em termos da força de trabalho em mudança: mais pais em casa, necessidade maior de concentração na assistência às crianças, outros elementos?

R: É difícil dizer. O percentual de mães que trabalham, na realidade, não cresceu na última década e, portanto, pode-se dizer que atingimos certo nível de estagnação. Isso quer dizer que as mulheres que querem trabalhar (incluindo as mães) agora estão trabalhando. As mães que não querem trabalhar não o estão fazendo. Estou falando de mulheres de classe média, que têm alguma escolha. No caso dos lares de baixa renda, devido à reforma da assistência social e à economia mais forte, um número substancialmente maior de mães está agora trabalhando.



P: Concentremo-nos por um momento no impacto de valores religiosos sobre o lar, já que os dados demonstram que a religião está se tornando fator maior na vida das pessoas. Até que ponto o sr. vê alguma penetração desses valores na vida familiar?

R: Não sei como responder. A única evidência que observei é que, para algumas famílias, aumentou a intensidade das crenças religiosas, experiência e refúgio. Além disso, simplesmente não sei. Existe claramente certo ressurgimento do sentimento religioso em torno das denominações e fés. Simplesmente não sei o quanto isso é disseminado.

P: Quando falamos sobre as responsabilidades dos setores público e privado com relação às famílias, em qual esfera de governo o sr. acredita que haja um papel a desempenhar e onde devemos manter distância?

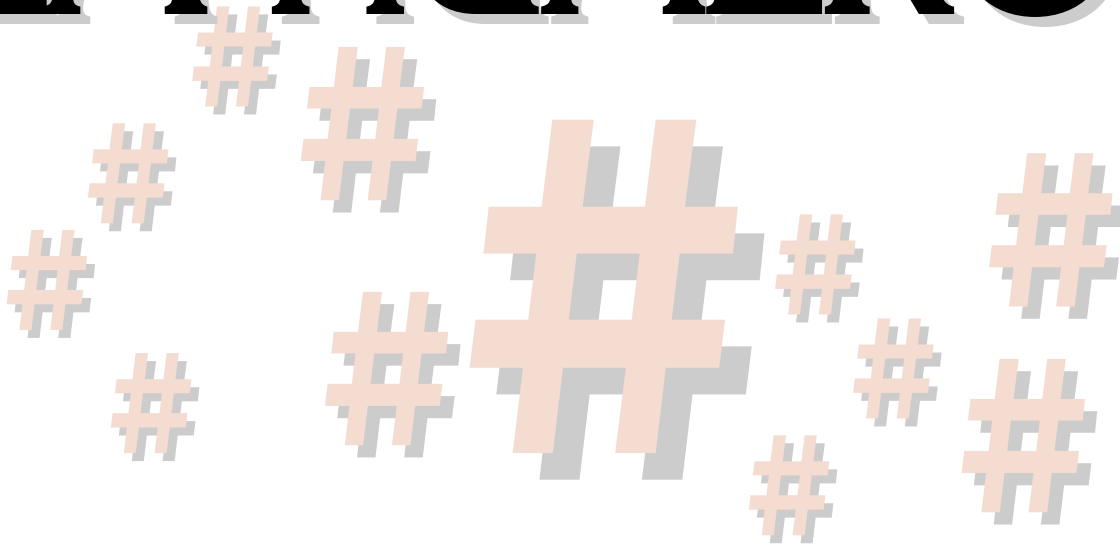
R: Com base nos últimos cem anos, pode-se afirmar que as famílias se sairão melhor se o governo se afastar e ponto final. Não conheço muitos exemplos de situações ou políticas em que o governo tenha auxiliado as famílias. Algumas pessoas podem dizer que a política habitacional (deduções nas hipotecas) foi positiva por facilitar a compra de residências privadas. Mas acho que a evidência é incerta.

P: No limiar deste novo século, o que o sr. prevê para a vida familiar nos Estados Unidos?

R: O quadro que observo para a família no futuro é, primeiramente, de casamentos mais tardios; o que equivale a dizer que mais jovens esperarão ficar um pouco mais velhos antes de se casarem. Também prevejo número um pouco menor de casamentos, o que significa que as pessoas não somente esperarão até ficarem um pouco mais velhas, mas um número crescente não se casará. Não será um número muito grande; talvez cerca de 10% de todas as mulheres não se casarão. As taxas de divórcio dificilmente serão mais altas, podendo reduzir-se um pouco. Veremos famílias menores. E veremos muito mais na forma de co-habitação e relacionamentos temporários entre as pessoas. No geral, o que vejo é uma situação em que as pessoas (especialmente as crianças) serão muito mais isoladas, não apenas porque ambos os seus pais estarão trabalhando, mas eles terão menos irmãos, menos primos, menos tios e tias. Assim, ao longo do tempo, estamos nos movendo em direção a uma sociedade mais individualista. ■



A FAMÍLIA NORTE-AMERICANA EM NÚMEROS



A família norte-americana experimentou evoluções consideráveis ao longo das últimas décadas. As estatísticas confirmam a intensidade das mudanças.

CASAMENTO E FAMÍLIA

■ O número médio de pessoas por residência nos Estados Unidos, entre brancos e afro-americanos, caiu ao longo das últimas três décadas de 3,1 em 1970 para 2,6 em 1988 (pelos números mais recentes disponíveis no Escritório do Censo dos Estados Unidos). O número médio em lares hispano-americanos aumentou de três em 1975 para 3,5 em 1998. Entre os asiático-americanos, o número permaneceu estável em 3,2 desde 1990 (não há dados anteriores disponíveis).

■ Cinquenta e três por cento dos lares norte-americanos eram chefiados por casais casados em 1998, em comparação com 78,2% em 1950 e 61% em 1980.

■ Cinquenta e sete por cento dos lares norte-americanos em 1998 consistiam de uma ou duas pessoas. Outros 17% incluíam uma terceira pessoa e 15,6% eram casas com quatro pessoas.

■ Entre 1975 e 1999, de acordo com o Escritório de Referência Populacional, o percentual de adultos na população norte-americana que nunca se casaram aumentou de 22 para 28%.

■ Em 1999, havia 70,2 milhões de crianças com menos de 18 anos nos Estados Unidos, um aumento sobre menos de 50 milhões em 1950. Projeta-se que o número crescerá em outros sete milhões até 2020. Ainda assim, as crianças com menos de 18 anos compunham 26% da população em 1999, caindo de 36% em 1960.

■ Houve aumento do número de adultos com 65 anos de idade e mais no total da população, de 8% em 1950 para 13% em 1999. Espera-se que esse número aumente para 17% até 2020.



■ O percentual de crianças brancas não hispânicas com menos de 18 anos nos Estados Unidos caiu de 74% em 1980 para 65% em 1999. O número de hispânicos na população infantil cresceu de 9% em 1980 para 16% em 1999. Projeta-se que esse número atinja 20% em 2020. O percentual de negros na população infantil permaneceu estável em cerca de 18%, durante as últimas duas décadas.

■ O percentual de crianças brancas não hispânicas com menos de 18 anos nos Estados Unidos caiu de 74% em 1980 para 65% em 1999. O número de hispânicos na população infantil cresceu de 9% em 1980 para 16% em 1999. Projeta-se que esse número atinja 20% em 2020. O percentual de negros na população infantil permaneceu estável em cerca de 18%, durante as últimas duas décadas.

■ Dentre as crianças que viviam com os dois pais, de acordo com os números do Censo de 1996, 91% viviam com ambos os pais biológicos ou adotivos. Nove por cento viviam com um pai biológico ou adotivo e um padrasto ou madrasta. Cerca de 80% dessas crianças viviam com sua mãe e um padrasto.

■ Em 1998, dentre as crianças em lares com um único pai, somente 16% viviam com seus pais. Isso representa um aumento em relação aos 8,5% de 1980.

■ Com relação às crianças com menos de 18 anos nos Estados Unidos, 68% estavam sendo criadas pelos dois pais em 1998. Outros 23,3% estavam sendo criadas unicamente pelas suas mães biológicas e 4,4% somente pelos seus pais biológicos. Pouco mais de 4% estavam sendo criadas por outros parentes ou não parentes.

■ Em 1970, 3,2% das crianças norte-americanas viviam em um lar mantido por um avô. Em 1997, o número subiu para 5,5%; um aumento de 76% ao longo de pouco mais de um quarto de século. Somente na década de 1990 (entre 1990 e 1997), o número de lares mantidos por avós cresceu 19%.

FAMÍLIAS, TRABALHO E ASSISTÊNCIA ÀS CRIANÇAS

■ Em 1998, dos casais casados na força de trabalho dos Estados Unidos, 56,3% representaram casais com receita dupla. Em 21,3% dos casos, somente o marido trabalhava e, em 5,7%, somente a esposa estava empregada. O percentual remanescente representava casais que não trabalhavam.

■ Dentre os casais casados trabalhando com filhos com menos de 18 anos, o percentual de casais com receita dupla aumentou de 59,3% em 1986 para 68% em 1998. O percentual de famílias em que somente o marido estava empregado caiu de 36,2% em 1986 para 27,1% doze anos mais tarde.

■ O percentual de mães que trabalham com filhos subiu dramaticamente. Dos 3,7 milhões de mulheres em 1998 que tinham crianças com menos de um ano de idade, 59% estavam trabalhando fora de casa. Em 1996, o número era de 31%.

■ De acordo com uma tabulação do Escritório de Estatísticas Trabalhistas, o número de pais "em casa" com idades de 25 a 54 anos que optaram por não procurar trabalho devido às responsabilidades domésticas subiu de 4,6% em 1991 para 8,4% em 1996. ■



O QUE COMPÕE UMA FAMÍLIA?

CONVERSA COM O DR. MARK HUTTER



O Dr. Mark Hutter, professor de Sociologia da Universidade Rowan em Glassboro, Nova Jersey, Estados Unidos, pesquisou extensamente a vida familiar e urbana, com ênfase específica sobre a família em mutação, lares de imigrantes e étnicos, a família, a comunidade e a psicologia social da vida urbana. Recentemente, ele falou sobre suas descobertas.

P: Colocando de lado por enquanto o dramático aumento dos lares com renda dupla, qual é a mudança mais significativa da dinâmica familiar ao longo das últimas duas décadas?

R: Existem várias. Uma é o envelhecimento da população, que causa a mudança de famílias de três para quatro gerações. Quando penso sobre essa unidade (com bisavós, avós, pais e seus filhos), tenho interesse e preocupação específica com os relacionamentos existentes entre a geração mais velha e suas crianças, que podem mesmo ser avós. Particularmente, muitas vezes as filhas não apenas precisam cuidar de seus filhos e netos, mas também dos seus pais. O segundo desenvolvimento a ser observado é o fato de que os jovens estão adiando seus casamentos e filhos. Isso reflete em grande parte as mudanças econômicas e as oportunidades econômicas enfrentadas pelos jovens, para quem o casamento não é sua única opção quando adultos. As possibilidades educacionais e de carreira, bem como uma variedade maior de opções de vida não familiares, estão disponíveis para eles.

P: Se a família ainda é vital, porque as unidades familiares precisam estar dispersas pelo país?

R: Fatores sociais e econômicos justificam essa mudança. A sociedade contemporânea muitas vezes exige um grupo altamente móvel de trabalhadores que irão aonde estão os empregos. Este desejo de maximizar oportunidades econômicas muitas vezes causa a ruptura de padrões antigos de interação de parentesco. Além disso, a maior preocupação com o progresso individual muitas vezes precede o interesse por extensos laços e obrigações familiares.

P: Quando falamos sobre família e comunidade, o sr. acredita que as comunidades estão fazendo o suficiente para apoiar e promover a vida familiar?

R: A tendência parece refletir a ênfase maior sobre a retirada dos indivíduos e do núcleo familiar do envolvimento com a comunidade. Pode-se afirmar que é melhor simbolizada pela mudança de viver em casas com varandas frontais para morar em casas com jardins fechados.

P: Fale um pouco sobre pais solteiros nos Estados Unidos.

R: Existem dois grupos principais. Um é composto de pessoas que já foram casadas cujo lar de pai isolado é consequência do divórcio ou separação. O segundo grupo consiste de pais que nunca se casaram, dos quais uma grande parte consiste de mulheres adultas jovens ou adolescentes, muitas das quais das camadas econômicas mais baixas. Em cada um dos casos, o sucesso de um lar de pai único depende da natureza dos laços entre o



pai e o(s) filho(s) e, muitas vezes, do grau de participação dos avós ou outros parentes na criação dos mais jovens. Além disso, a comunidade e as agências governamentais (incluindo as creches) podem ter impacto sobre a situação de família de pai único.

P: O sr. acredita que as crianças criadas em lares de pai único sentem falta de algum apoio emocional ou psicológico?

R: Acho que não, desde que as crianças que crescem em lares de pai único recebam o apoio, a educação e a orientação do seu pai, da extensão da família e das instituições sociais locais. Muitas vezes achamos, incorretamente, que a única pessoa que cria aquela criança é um pai solteiro que vive isolado. Isso normalmente não é o que acontece.

P: Existe correlação entre a força de uma família e sua posição econômica?

R: O dinheiro certamente pode aliviar muitas das tensões da vida diária de uma família. Mas não é a panacéia para moldar uma família vitoriosa. O processo deve envolver a educação e apoio, bem como controle e orientação das crianças. Pais afluentes que são negligentes não podem compensar a negligência com suas crianças com dinheiro.

P: Quais princípios orientadores supremos o sr. encontra em famílias vitoriosas; ou seja, as que produzem jovens emocionalmente maduros e bem ajustados, e pais emocionalmente satisfeitos?

R: Pais e filhos vitoriosos normalmente resultam do entendimento das diferentes posições e perspectivas que mantêm. Pais e filhos devem ser sensíveis às respectivas preocupações de cada um. Também aqui deve prevalecer uma atmosfera de compreensão e compartilhamento. Os membros da família necessitam aceitar o fato de que a vida estende-se além da família para cada um dos seus membros. Essa vida externa, ou outra vida, deve também ser levada em consideração nas relações entre as pessoas. ■

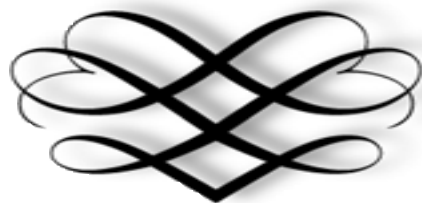
Mark Hutter é o autor de "A Família em Mutação" e "A Experiência Familiar". Esta conversa foi resumida de uma discussão on line no site abcnews.com



A FAMÍLIA NORTE-AMERICANA:

ONDE NOS ENCONTRAMOS HOJE

STEPHANIE COONTZ



A vida moderna pode ser cheia de tensões na família e em qualquer outro setor da nossa sociedade atribulada. E, ainda assim, com todos os desafios e preocupações sobre relacionamentos, casamento e criação de filhos, as pessoas nos Estados Unidos possuem hoje maiores expectativas sobre a criação de filhos e casamento. Ao comparar o presente com o passado (os chamados "velhos bons tempos"), necessitamos entender que muitas das nossas preocupações refletem o quanto nós queremos ser melhores e não quanto nós costumávamos ser melhores.

Consideremos algumas evidências.

Os pais de famílias integrais estão passando mais tempo com seus filhos que nunca nos últimos cem anos. Embora o número de horas que a mulher média passa em casa com seus filhos tenha diminuído desde o início do século XX, à medida que cada vez mais mulheres entram na força de trabalho, houve decréscimo do número de filhos por família e aumento da atenção individual a cada filho. Como resultado, as mães de hoje nos Estados Unidos (incluindo as que trabalham em período integral ou parcial) passam quase duas vezes mais tempo com cada filho que as mães dos anos 20. As pessoas que criaram filhos nos anos 40 e 50 relatam tipicamente que seus próprios filhos e netos adultos comunicam-se muito melhor com seus filhos e passam mais tempo ajudando com a lição de casa que eles o fizeram.

As crianças norte-americanas também estão mais seguras hoje do que nunca. Uma criança tinha quatro vezes mais probabilidade de morrer nos anos 1950 do que agora. Um pai naquela época tinha três vezes mais probabilidade de assistir ao funeral de uma criança com menos de 15 anos de idade e 27% mais probabilidade de perder um adolescente mais velho que os pais atuais.

Se examinarmos o último milênio, podemos observar que as famílias sempre foram diversificadas e em fluxos. Em cada período, as famílias solucionaram um conjunto de problemas, somente para enfrentar novo conjunto de desafios. O que funciona para uma família em um ambiente cultural e econômico não serve para uma família em outro. O que ajuda em um estágio da vida de uma família pode ser destrutivo no estágio seguinte. Se há uma lição a ser escrita a partir do último milênio da história das famílias, é que as famílias sempre necessitam brincar de correr atrás de um mundo em mudanças.

Examine-se a questão das mães que trabalham. As famílias em que as mães passam tanto tempo ganhando a vida quanto criando seus filhos não são nada de novo. Elas foram a norma na maior parte dos últimos dois milênios. No século XIX, as mulheres casadas dos Estados Unidos começaram a retirar-se da força de trabalho mas, para a maior parte das famílias, isso somente foi possível ao enviar seus filhos para o trabalho no lugar delas. Quando o trabalho infantil foi abolido, as mulheres casadas



começaram novamente a entrar na força de trabalho em quantidades ainda maiores.

Por algumas décadas, o declínio do trabalho infantil foi maior que o crescimento dos empregos femininos. E assim surgiu a família do pai que trabalha para ganhar a vida. Nos anos 20, pela primeira vez, uma maioria limitada das crianças norte-americanas cresceu em famílias em que o marido fornecia toda a renda, a esposa permanecia todo o tempo em casa e eles e seus irmãos iam para a escola em vez de trabalhar. Esse padrão subsistiu por décadas. Durante os anos 50, quase dois terços das crianças da nação cresceram nessas famílias, um recorde de todos os tempos. Ainda naquela mesma década, presenciou-se a aceleração da participação das esposas e mães na força de trabalho, o que em pouco tempo tornou a família com dois trabalhadores a norma; uma tendência que provavelmente não será revertida neste novo século.

A novidade não é que as mulheres conseguem a metade da renda familiar, mas que, pela primeira vez, elas detêm controle substancial sobre a sua própria renda, juntamente com a liberdade social para determinar a forma de suas próprias vidas. Também novo é o tempo em declínio da vida das pessoas dedicado à criação dos filhos, tanto pelo fato de terem menos filhos como por viverem mais tempo. Até cerca de 1940, o casamento típico terminava com a morte de um dos parceiros apenas alguns anos após o último filho haver saído de casa. Atualmente, os casais podem esperar passar mais de duas décadas juntos depois que os filhos partem.

O crescente período de tempo que os parceiros passam em companhia um do outro, em alguns casos, tornou-os menos dispostos a manter um casamento infeliz, enquanto a independência econômica das mulheres torna menos essencial para elas fazer o mesmo. Assim, por um lado, vem ocorrendo crescimento constante da taxa de divórcios nos Estados Unidos desde 1900. Mas, por outro lado, maior expectativa de vida significa que mais casais estão atingindo seus 40^o e 50^o aniversários do que nunca.

As novas opções das mulheres são boas não somente para elas, mas também para seus filhos. Estudos demonstraram que as crianças desempenham melhor suas funções quando suas mães estão felizes com suas vidas, seja a satisfação

de ser uma dona de casa em período integral ou de um emprego em período integral. E, em grande parte, devido aos novos papéis das mulheres no trabalho, os homens estão assumindo mais de um papel em casa.

Embora a maior parte dos homens ainda faça menos trabalho de casa que suas esposas, essa lacuna foi reduzida à metade desde os anos 60. Atualmente, 49% dos casais afirmam que dividem igualmente o cuidado com os filhos, em comparação com 25% em 1985. O maior envolvimento dos homens em casa é bom para seu relacionamento com suas esposas e também é bom para seus filhos. Os pais ativos são pais melhores que os homens que deixam que suas esposas façam todo o trabalho de educação e cuidado com as crianças. Eles criam filhos que são mais expressivos e filhas com maior probabilidade de irem bem na escola, especialmente em matemática e ciências.

Em 1900, a expectativa de vida nos Estados Unidos era de 47 anos e somente 4% da população tinham 65 anos de idade ou mais. Atualmente, a expectativa de vida é de 76 anos e, em 2025, estima-se que cerca de 20% da população dos Estados Unidos terão 65 anos de idade ou mais. Pela primeira vez, uma geração de adultos necessita planejar-se para as necessidades de seus pais e de seus filhos. A maior parte dos norte-americanos está respondendo com notável generosidade. Um em cada quatro lares dá o equivalente a um dia completo por semana ou mais em assistência gratuita a um parente idoso e mais da metade afirma esperar fazê-lo nos próximos dez anos. As pessoas mais velhas possuem menos probabilidade de empobrecer ou incapacitar-se por doenças que no passado e possuem mais oportunidades de desenvolver relacionamento com seus netos.

Até algumas das escolhas que mais preocupam as pessoas estão se tornando administráveis. As taxas de divórcio provavelmente continuarão altas e, em muitos casos, a ruptura marital causa sérios problemas tanto para os adultos como para as crianças. Ainda assim, quando os pais minimizam o conflito, os laços familiares podem ser mantidos. E muitas famílias o estão fazendo. Mais pais que não detêm custódia estão permanecendo em contato com seus filhos. Estão crescendo os recebimentos de apoio a crianças. Uma proporção menor de crianças



de famílias divorciadas demonstra ter problemas que nas décadas anteriores. E as famílias de padrastos ou madrastas estão aprendendo a maximizar o acesso das crianças a adultos que as apóiam, em vez de excluí-las de um lado da família.

À medida que começamos a compreender a faixa de tamanhos, formas e cores que atualmente distingue as famílias dos Estados Unidos, concluímos que as diferenças nos tipos de famílias são mais importantes que as diferenças entre elas. Nenhuma forma específica de família garante o sucesso e nenhuma forma específica está condenada ao fracasso. A forma como uma família funciona por dentro é mais importante que o que ela aparenta do lado externo.

O maior problema enfrentado por grande parte das famílias nos Estados Unidos no limiar do novo século não é que as nossas famílias tenham mudado demais, mas que nossas instituições mudaram muito pouco. As políticas de trabalho refletem uma era

anterior, quando a maior parte das mães não fazia parte da força de trabalho e a maior parte dos pais não estava envolvida no prazer do cuidado às crianças. Os horários escolares muitas vezes parecem haver sido projetados para décadas atrás, quando as crianças necessitavam estar em casa para ajudar com as tarefas ou elas próprias serem empregadas.

Ainda assim, embora as instituições sociais ainda tenham trabalho a ser feito, as famílias norte-americanas, em sua maioria, estão entrando no novo milênio com muito mais recursos, esperanças e igual consideração para todos os membros da família do que nunca. ■

Stephanie Coontz, autora de "A Forma Como Realmente Somos", é membro docente do Colégio Estadual Evergreen em Olympia, Washington.



O PAPEL DO PAI

REDEFINIDO NO LAR NORTE-AMERICANO

LESLIE MANN



“**P**ara muitas pessoas, tomar conta de crianças não é trabalho”, afirma Ron Wilson de Aurora, Illinois, enquanto serve suco para seus filhos, com idades de seis, quatro e dois anos.

“Eles acham que estou sentado em casa lendo revistas, mas essas são as pessoas que nunca estiveram em casa com crianças o dia inteiro.”

Cuidar dos seus filhos por uma tarde enquanto a mamãe cumpre tarefas não conta, explica Wilson. Os homens que são os principais encarregados de seus filhos (dia após dia) sabem que cada dia é uma corrente infinita de trocar fraldas, cozinhar, dobrar roupas, dirigir carros, fazer compras e visitar o pediatra.

“O dia é bom quando consigo ler o jornal antes da minha esposa chegar do trabalho”, observa Wilson.

Ainda assim, ele afirma que não trocaria seu trabalho por nada. Nem ele, nem a sua esposa, Denise, gerente de controle de qualidade para uma empresa de brinquedos promocionais, lamenta pelo acordo que fizeram em meados dos anos 1990, quando ele deixou seu emprego de engenheiro mecânico. Sua resposta à supermulher é o credo do “fazer tudo”: “Você pode fazer tudo, mas não tudo de uma vez”.

Na pesquisa de renda e participação de programas de 1993 do Escritório do Censo, 1,9 milhão de pais de crianças com menos de 15 anos de idade

definiram-se como principais encarregados. Essa é a estatística mais recente do Escritório para essa categoria. Mas os próprios pais caseiros acreditam, de forma geral, que seu número cresceu de forma constante ao longo dos anos 1990, à medida que mais de suas esposas voltavam ao trabalho.

Peter Baylies, editor da publicação “Pai Caseiro”, menciona sua lista de assinaturas como evidência desse crescimento. As assinaturas decolaram de 100 para 1.000 entre 1994 e 1999. Seu website (<http://www.athomedad.com>) recebe mais de 2.000 acessos por semana. Outro website da publicação “Pais em Tempo Integral”, sediada em Nova Jersey (<http://www.fathersworld.com/fulltimedad>) recebe mais de 1.500 acessos por mês.

“Deixamos de ser excêntricos para sermos incomuns”, observa Baylies, que é um pai doméstico de dois meninos. “Agora estamos começando a ver os resultados do aumento; mais conferências e livros sobre pais, mais pais com crianças em anúncios e programas para pais e bebês, em vez de mães e bebês.”

A família tradicional, que consiste de pai que trabalha fora, mãe em casa e filhos de menos de 18 anos (que totalizou 46% das famílias norte-americanas de casais casados cerca de quarto de século atrás) gerou um louco cobertor demográfico que inclui famílias de uma e duas carreiras fazendo malabarismos com turnos divididos, horas flexíveis,



empregos de período parcial e períodos de ausência. Em 1998, o percentual de famílias tradicionais havia caído para 26%.

Embora as mães domésticas ainda existam em maior número que seus parceiros homens, os pais estão chegando perto. Eles e seus vizinhos estão aceitando seus novos títulos e responsabilidades.

"Encontrei pessoas que disseram, primeiramente, que eram músicos, escritores ou motoristas", afirma Wilson, que mantém contato com outros pais domésticos e comparece a convenções de pais.

"Mas, na verdade, eles trabalhavam apenas algumas horas. Agora pode-se admitir quando se é um pai doméstico."

"Sempre haverá alguém para perguntar: 'Você não é homem suficiente para conseguir um emprego?'" , afirma John Chapman, de Geneva, Illinois, pai em tempo integral de sua filha Jenna, de oito anos, e de seu filho Ian, de sete anos de idade. Sua esposa, Dra. Katherine Fackler-Chapman, pratica medicina familiar. "Devemos nos sentir bem com quem somos", afirma ele.

Acontece que as mulheres nem sempre apóiam este acordo quando sabem dele. Mas a reação que Denise Wilson e a Dra. Fackler-Chapman ouvem mais freqüentemente de colegas mulheres é: "Gostaria que meu marido fizesse o mesmo".

Como a maior parte dos casais com um pai doméstico, os Wilsons e os Chapmans foram famílias de duas carreiras que decidiram simplificar suas vidas descartando, ao menos temporariamente, o emprego menos lucrativo. Eles calcularam o custo de manter duas rendas.

"Quando somamos babás, roupas, transporte, almoços, jantares fora, aumento de imposto de renda e de seguro de carros, concluímos que, se ambos de nós trabalhássemos, fariamos somente US\$ 3.000 a mais", afirma Denise Wilson.

Nem Ron Wilson, nem John Chapman, tinham um modelo de papel de homem para suas novas empreitadas. "Nunca cuidei de bebês, nunca tive irmãos ou irmãs mais novas", lembra Wilson. Chapman observa que ele não trouxe para o trabalho "absolutamente nenhuma experiência anterior".

O treinamento durante o trabalho exige senso de humor, afirmam esses pais. Wilson aponta para o questionário que era parte do processo de seleção

para o jardim da infância na escola do seu filho.

"Respondi a todas as perguntas, como 'seu filho sabe contar?' e 'qual é o histórico médico do seu filho?', até chegar à última pergunta: 'Você teve alguma dificuldade durante a sua gravidez?' e respondi 'não'".

Existem desvantagens ocasionais para o papel de pai doméstico. Uma é o isolamento. De fato, um estudo de 1996 por um professor de psicologia de uma faculdade comunitária de Illinois concluiu que 66% dos pais que cuidam dos filhos sentiam-se "um pouco" ou "totalmente" isolados, em comparação com 37,4% das mães na mesma situação. E existem outras questões passageiras (pouco tempo livre, monotonia e preocupação se poderão reiniciar suas carreiras paralisadas, retomando-as no ponto em que as deixaram).

De forma geral, entretanto, o estudo de 1996 revelou que mais da metade dos pais descreveu-se como "extremamente satisfeitos" com o acordo.

Ed Barsotti, de Aurora, é um pai doméstico em período parcial. Ele trabalha às segundas, quartas e sextas-feiras como engenheiro eletricitista, enquanto sua esposa, Laurie, trabalha às terças, quartas e quintas-feiras como engenheira de software. Suas empresas permitiram que mantivessem seus benefícios de seguro e assistência médica. As quartas-feiras são uma lembrança de como seria a vida se ambos trabalhassem em tempo integral, fazendo malabarismos com a assistência ao filho de seis anos de idade e à filha de três anos.

"Nas quartas-feiras, Sara vai para a casa da avó", explica Laurie Barsotti. "Brian vai para a escola de manhã e Ed o leva para a casa de um amigo. No final do dia, os pratos não estão lavados e a casa está uma bagunça."

Ed Barsotti acredita que os pais cuidam dos filhos de forma diferente. "Laurie tende a fazer coisas mais calmas com eles em casa", ele diz. "Eu faço mais aventuras." Wilson também afirma que sua esposa é mais disposta a desenhar com as crianças, enquanto ele instiga a desordem.

O lar dos Chapmans é diferente.

"Muitos papéis não dependem necessariamente do sexo, mas sim das circunstâncias, sugere John Chapman. "Tradicionalmente, o papai jogava bola com as crianças porque a mamãe estava fazendo o



jantar. Eu faço o jantar, logo Kathy joga bola."

Embora Ed Barsotti tenha reduzido seu salário e Chapman e Wilson tenham abdicado dos seus por enquanto, todos eles se consideram recompensados. Chapman e Wilson afirmam que suas recompensas são a saúde e a felicidade dos seus filhos. Barsotti é mais específico. É "quando meu filho chega para mim sem mais nem menos e diz 'eu te amo'".

Os filhos dos Chapmans, Barsottis e Wilsons são jovens demais para apreciar sua boa sorte. Mas Nate Szymczak, de 21 anos, estudante da Universidade de Illinois, tem a perspectiva de ter um pai em casa. Seu pai, Len, ficou em casa com ele e com sua irmã, agora com 23 anos, no início dos anos 80, enquanto eles cresciam. Len, do seu lado, descreve essa época como "os dias antes dos quartos dos homens terem mesas móveis."

"Não parecia incomum para mim na época", afirma Nate. "Mas, olhando para trás, ele era o único pai no primeiro dia do jardim da infância. Ele estava sempre ali para nós e é provavelmente por isso que ainda temos uma forte união que nem todos os meus colegas têm com seus pais. Não vejo a criação de filhos como feminina ou masculina. Os homens podem e devem passar muito tempo com seus filhos." ■

Leslie Mann é escritora freelance residente em St. Charles, Illinois. Ela é colaboradora assídua do Chicago Tribune, entre outras publicações. Reimpresso com permissão de Leslie Mann. Copyright (c) 1999.



O ENVELHECIMENTO DA FAMÍLIA NORTE-AMERICANA

CONVERSA COM ELINOR GINZLER



Tomada como um todo, a população norte-americana está envelhecendo. As pessoas estão vivendo mais e o impacto está sendo decididamente sentido na família norte-americana. Elinor Ginzler, especialista em saúde e assistência a longo prazo da Associação Norte-Americana de Aposentados (AARP), está atualmente analisando as preocupações da geração trabalhadora do "baby boom" (nascida entre 1945 e 1960) com seus pais idosos..

Pergunta: De que forma você definiria o relacionamento entre as novas gerações e seus pais idosos ou que estão envelhecendo e outros membros da família?

Resposta: Estamos vivendo em uma sociedade cada vez mais complexa e as famílias estão mais espalhadas geograficamente do que nunca. Um número maior de mães está na força de trabalho que no passado. Todos esses fatores tornam mais difícil atender questões de pais idosos. Ainda assim, existem muitas famílias que cuidam de pais e membros idosos da família; 22 milhões, na verdade.

P: Quais são suas idéias sobre os esforços para reunir cidadãos mais velhos e crianças de forma criativa e construtiva, em organizações como Gerações Unidas?

R: Os esforços para abordar atividades entre gerações são fundamentais. Esses intercâmbios de informação entre pessoas de diferentes gerações que passam tempo juntas beneficiam a todos. Os mais velhos apreciam o tempo e a atenção. Os mais jovens são fascinados pelo conhecimento e experiência dos seus idosos. À medida que a nossa

sociedade continua a envelhecer, acredito que essas atividades irão expandir-se cada vez mais.

P: Discuta o impacto da maior mobilidade sobre a vida familiar nos Estados Unidos, particularmente com relação à geração mais velha.

R: Na maior parte dos estágios iniciais da vida familiar nos Estados Unidos, todos, de todas as gerações, viveram juntos em uma ou duas casas. O progresso seguinte foi a separação das famílias, que ainda viviam em locais próximos; na mesma cidade, talvez até na mesma rua. À medida que os subúrbios desenvolveram-se fora das cidades, a migração das jovens famílias criou o primeiro distanciamento significativo da vida familiar. Atualmente, até certo ponto, o nosso mundo continua ficando cada vez menor, mas as distâncias ainda são significativas. Os filhos adultos muitas vezes vivem a centenas ou milhares de quilômetros de distância dos seus pais idosos. Ainda apesar dessas distâncias, eles permanecem envolvidos em responsabilidades de assistência. Eles dependem de muitos outros para ajudar nessas atividades, mas isso não reduz sua preocupação e o nível de assistência.

P: Se a família estiver geograficamente mais próxima, como as ações e hábitos dos avós afetam as crianças?

R: É importante reconhecer que viver junto, ou próximo, significa que haverá algumas mudanças na forma em que interagem os membros da família. Os avós podem ter influência positiva muito forte sobre seus netos. Além disso, acredito que os padrões de interação que foram estabelecidos em famílias necessitam ser reconhecidos e, se necessário, trabalhados e modificados. Em alguns



casos, mudar-se de volta para casa pode ser uma experiência maravilhosa de crescimento. Sempre ajuda se todos tiveram discutido isso em todos os níveis, entre todas as gerações. E também ajuda se todos forem honestos entre si sobre a resistência e possíveis tensões envolvidas.

P: A geração mais velha irá tornar-se mais em moda, no mercado de massa e nos meios de comunicação, à medida que prossegue o envelhecimento da população?

R: No ano 2020, haverá mais pessoas com 60 anos de idade ou mais que com 18 anos ou menos. Esses adultos mais velhos não somente terão o poder dos números, mas também o poder econômico que acompanha esses números. Assim, à medida que envelhecemos como sociedade, acho que a ênfase irá mudar. Veremos mais pessoas idosas em anúncios, na televisão, no cinema. O mercado refletirá a sociedade da sua época e local.

P: Como um avô supera a distância que o separa de um neto?

R: É importante permanecer como força significativa na vida do jovem. Se o neto estiver nas classes primárias, uma forma é ler para ele(a); ao telefone, por exemplo. Grave uma fita de áudio de um livro favorito da criança e envie. Os netos, por sua vez, podem fazer fitas de vídeo de suas atividades. Em nível mais elaborado, pode haver férias planejadas entre gerações ou visitas frequentes de um lado para o outro. E, para um toque pessoal, não há nada mais apreciado, em qualquer dos lados do divisor de gerações, que a comunicação, por correio eletrônico ou por carta. ■

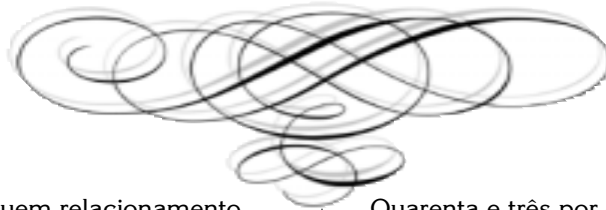
Esta conversa foi resumida a partir de uma discussão on line no endereço <http://www.abcnews.com>.



LAÇOS FORTES

UNEM AVÓS E NETOS NOS ESTADOS UNIDOS

ARTIGO DA ASSOCIAÇÃO NORTE-AMERICANA DE APOSENTADOS



Os avós possuem relacionamento incomumente forte com seus netos, segundo revela uma recente pesquisa da Associação Norte-Americana de Aposentados (AARP).

Apesar da crença em muitas regiões de que os laços familiares entre gerações foram destruídos nas últimas décadas, a pesquisa nacional envolvendo mais de 800 avós com mais de 50 anos de idade concluiu que a maior parte deles interage regularmente com os netos em diversas formas e acham que seus relacionamentos com os netos são "muito positivos".

Por exemplo, 82% dos pesquisados afirmam que viram um neto no último mês e 85% afirmam que falaram com um neto ao telefone naquele período. Mais de sete dentre 10 (72%) afirmam que tiveram refeição com um neto no último mês e um número igual comprou um presente no mesmo período.

"A situação dos avós norte-americanos é forte", explica Gretchen Straw, diretora associada de pesquisa do Grupo de Pesquisa da AARP. "O relacionamento com os netos é compensador."

"Talvez a descoberta mais surpreendente deste estudo seja o grau a que as gerações estão ligadas entre si", observa a pesquisa, não obstante nossa "sociedade móvel (e) vidas atribuladas".

Trinta e um por cento dos adultos nos Estados Unidos (cerca de 60 milhões de norte-americanos) são avós. A AARP concluiu que 11% dos avós com mais de 50 anos de idade ajudam a cuidar dos netos; 8% oferecem cuidados diurnos de forma regular e 3% estão realmente criando netos.

Quarenta e três por cento dos avós afirmam que é "muito fácil" desenvolver atividades potenciais para um neto e outros 25% afirmam que "não é difícil". As diversões favoritas são comer juntos em casa ou em um restaurante, assistir à televisão, passar a noite, comprar roupas e participar de exercícios ou esportes.

Desses avós que não ajudam a cuidar ou que não vivem na mesma residência dos seus netos, 44% vêem um deles todas as semanas. Perto de um terço dos pesquisados afirma que vê e fala por telefone com um neto pelo menos uma vez por semana.

Os papéis desempenhados pelos avós variam quando interagem com um neto. Perto da metade (49%) sugere que serve de companhia ou amigo e mais de um terço dos pesquisados afirma oferecer freqüentemente conselhos, falam sobre a história da família ou recontam aspectos das vidas dos pais quando jovens. Vinte e nove por cento afirmam que falam freqüentemente sobre "os velhos bons tempos".

Em resposta a uma questão sobre valores importantes ou éticos a serem transmitidos aos seus netos, 42% dos avós citaram alta moral e integridade. Outros 21% mencionaram "sucesso ou ambição", 20% identificaram religião, 14% apontaram a consideração para com os outros e 10% afirmaram encorajar seus netos a serem responsáveis ou confiáveis.

O avô médio nos Estados Unidos possui cinco netos e bisnetos. Um quarto dos avós, na verdade, possui bisnetos. ■



PENSAMENTOS ESPECIAIS DE UMA

MÃE ESPECIAL

GAY ROBIN LABRUM

Nos Estados Unidos, as pessoas com deficiências de diversos tipos e que necessitam de cuidados e assistência especial recebem tipicamente essa consideração nas suas famílias e na sociedade como um todo; tanto do setor público como privado. Neste artigo, a mãe de uma criança com deficiências oferece alguns conselhos. O conselho que ela transmite aos demais em circunstâncias similares é o produto de mais de sete anos de tentativas e erros.

Sou uma mãe especial. Isto significa que meu filho, Joshua, tem necessidades especiais.

Ele nasceu em 10 de setembro de 1993. Tem cabelo ruivo ondulado, olhos castanhos e é apaixonado por música. Ele adora me ouvir cantar e adora o seu pai.

Ele tem epilepsia, paralisia cerebral, uma severa perda de audição e pé chato (corrigido com cirurgia). Ele também tem um tubo gastrotômico para alimentação e uma traqueotomia. O dano ao seu cérebro foi causado por um nó no cordão umbilical, que resultou em falta de oxigênio ao nascer. Ele não anda nem fala, mas mesmo assim tem o melhor sorriso e risada do mundo.

Cuidar dele parece muito trabalho; e é. Alguns dias durante seu primeiro ano e meio pareceram devastadores. Mas ele tem boa índole e isso faz a diferença. Minha experiência com Joshua me ensinou muito e gostaria de compartilhar algumas palavras de bom senso com outros pais de crianças especiais. Espero que possam ser de ajuda.

■ Cuide de um dia de cada vez. Nós só podemos viver um dia de cada vez.

■ Mantenha a fé. Reze muito.

■ Chore quando precisar, e o quanto precisar.

Libere seus sentimentos. Fale com alguém. Amigos, família, grupos de apoio e psicólogos, todos irão ajudar. Falar com um conselheiro familiar abriu os canais de comunicação entre meu marido James e eu. Falamos muito mais livremente hoje em dia.

■ Não se desencoraje. Os médicos não sabem tudo. Coisas maravilhosas ainda acontecem. Leia freqüentemente essas palavras.

■ Durma o suficiente. É essencial para a sua harmonia emocional.

■ Mime-se. Trate-se como alguém especial. "Tome conta daquele bebê", diziam-me as pessoas. "E eu?", perguntava. Não se deixe tomar pelos cuidados com seu filho de forma a negligenciar o seu ser interior. Dê uma caminhada. Leia um livro. Comece um artesanato. Toque violão ou dance. Aproveite todas as coisas que a tornam uma pessoa especial.

■ Esqueça o trabalho de casa. Cuide do seu filho e divirta-se com ele agora. O trabalho de casa pode esperar.

■ Lembre-se de que o presente é precioso. Lide com os problemas à medida que surjam e não se preocupe com nenhum problema futuro. Não se deixe tomar pelo "e se". Somente podemos viver hoje. Ame o seu filho hoje.

■ Siga sua intuição. Na maior parte dos casos, os pais sabem melhor. Afinal, você conhece seu filho melhor do que ninguém. Ouça sua voz interior.

■ Mantenha seu senso de humor e sua perspectiva. James e eu afirmamos que nem sempre é fácil ter uma criança especial, mas adoramos utilizar locais de estacionamento para deficientes!

■ Reserve tempo para ficar sozinho com seu(ua) esposo(a). Mantenha vivo e forte seu casamento e você poderá triunfar sobre tudo.

■ Mantenha registros médicos atualizados, incluindo avaliações, receitas médicas e números de telefone de pessoas importantes, médicos e de apoio. Leve sempre essas informações com você quando seu filho entrar no hospital.

■ Faça muitas perguntas a todos. Não se intimide. Ele é seu filho e você tem o direito de perguntar e saber o que está acontecendo.



- Não compare seu filho com outras crianças. Toda criança é especial. Se o seu filho tem progressos em velocidade diferente dos outros, de que importa? Tudo que seu filho consegue é maravilhoso e especial, pois custa mais esforço para ele(a) que para uma criança sem deficiências.
- Não se sinta culpada ou envergonhada. Conte às pessoas que você tem uma criança com necessidades especiais. Seja tolerante e aberta para perguntas. Ajude as pessoas a compreender as deficiências.
- Conheça seu filho. Aprenda a vê-lo além das deficiências.
- Dê crédito a você mesmo(a).
- Sempre espere pelo melhor. Seja positivo(a).
- Nunca desista. Seu filho irá progredir até sua mais alta habilidade, desde que você esteja junto para dar estímulo, encorajamento e amor.
- Não se intimide com os terapeutas. Seu trabalho é dar sugestões, por isso fale com eles. Diga-lhes como você se sente e quais são suas forças e limitações. Faça o que puder todos os dias e aprecie o que conseguiu. Não se culpe pelo que você não fez.
- Alguns dias, faça apenas o mínimo. Você pode estar exausto(a), ou estressado(a); faça apenas o mínimo e nada mais. Quando estou emocionalmente esgotada, tudo o que posso fazer é cuidar de Joshua. Aprendi que está certo. Você não precisa ser um "superpai". Você é humano(a).
- Ganhe força com a força interna do seu filho. Meu filho Joshua é um lutador. Ele não teria sobrevivido até aqui se não fosse. Ele é uma criança forte e não estamos desistindo.
- Trate seu filho da forma como gostaria de ser tratado(a). Você então saberá que fez o seu melhor.
- Tenha orgulho de ter um filho. Tenha orgulho do que você tem.

■ Aprecie os momentos especiais. Isso cria laços que não podem ser quebrados e somente ficarão mais fortes com o passar do tempo.

■ Seja paciente e gentil com seu filho. Seu filho não pediu para ter deficiência. Não descarregue suas frustrações sobre ele.

■ Observe a beleza do mundo e compartilhe-a com seu filho. Não fique tão envolvido com a assistência a ponto de esquecer-se de tudo. Assegure-se da paz que pode ser encontrada na observação de um pôr-do-sol glorioso, ao cheirar uma bela flor ou experimentar o frio de uma chuva e o sorriso de um estranho.

■ Seja feliz. Aceite que sua vida será diferente, mas não menos maravilhosa que a vida de outra pessoa. A vida é uma jornada e uma aventura, não um destino. Ela é o que você faz dela. Aprenda a observar os problemas do seu filho como obstáculos a serem superados e sua vida como uma pista de obstáculos que você ajudará seu filho a correr.

Temos toda a vida de Joshua à nossa frente. Ele é um menino muito feliz que progride a cada dia. A vida nem sempre será fácil, mas nunca será aborrecida. Estamos com ele em uma aventura, o que é algo muito bom para estar.

Eu estou contente. Eu sou feliz. Sou uma mãe especial. ■

Este artigo foi reimpresso com o consentimento e aprovação expressa de "Pai Excepcional", revista mensal para pais e famílias de crianças com deficiências e necessidades de cuidados especiais com a saúde. O artigo apareceu originalmente na edição de julho de 2000, págs. 22 e 23. O custo de assinatura da revista é de US\$ 39,95 por ano, para doze edições. Ligue para 1-877-372-7368. Os escritórios ficam em 555 Kinderkamack Rd., Oradell, NJ 07649, Estados Unidos.



REENQUADRANDO O DEBATE SOBRE TRABALHO E

FILHOS

ELLEN GALINSKY

De tempos em tempos, sempre que menciono que estamos estudando as opiniões das crianças sobre seus pais empregados, os pais inevitavelmente respondem "não sei o que diriam meus filhos?"

Embora muitos de nós provavelmente não tenhamos questionado nossos próprios filhos, estamos prontos para ouvir. Ao longo dos anos, ao acompanhar questões de trabalho e vida familiar, tenho visto evolução no nosso interesse pela compreensão das mudanças sociais. Em épocas diferentes, existe uma "prontidão da sociedade" para abordar certas questões. Acredito que estejamos prontos para ouvir porque finalmente é o momento certo. Mais importante, estamos prontos para ouvir porque realmente precisamos saber.

Nossas posições sobre se as mães devem ou não trabalhar mudaram ao longo dos últimos trinta anos devido ao contínuo debate nacional nos Estados Unidos sobre o papel de mães e pais na vida familiar e no trabalho. A inclusão das crianças e suas opiniões sobre seus pais que trabalham é a próxima etapa lógica deste debate.

Por que o chamo de debate? Porque, essencialmente, a discussão sobre os papéis em mutação dos homens e mulheres ocupou seu lugar na arena pública. Uma ocorrência controversa ou trágica (um ato isolado de violência, um estudo de polarização, um julgamento, um documentário de televisão) prende invariavelmente a atenção do público por trazer à tona uma questão sobre a qual freqüentemente somos ambivalentes e até fortemente divididos. Este assunto será amplamente discutido em casa, no trabalho e no lazer. Trazer tanto os pais como as crianças para a discussão nos

move para além de um ponto de vista em preto e branco.

O DEBATE CONTÍNUO

Ter uma mãe que trabalha é bom ou ruim para os filhos? As mães que trabalham mantêm com seus filhos relacionamentos tão bons quanto as mães que estão em casa com seus filhos em período integral? Em nosso estudo "Pergunte às Crianças", questionamos um grupo representativo de pais empregados se eles concordavam ou não com a seguinte afirmação: Uma mãe que trabalha fora de casa pode manter com seus filhos um relacionamento tão bom quanto uma mãe que não trabalha". De forma geral, 76% dos pais empregados concordaram "inteiramente", ou "em parte".

Dentre os 24% restantes, os pais são muito mais propensos a discordar que as mães, especialmente em lares em que só um deles trabalha. Entre os casais em que ambos trabalham, não há diferenças entre pais e mães sobre a declaração. Para as mães empregadas que são solteiras, não surpreende que 90% apóiem a declaração.

O aumento constante do número dos que acreditam que mães empregadas podem ter um laço tão forte com seus filhos quanto as mães domésticas pode ser atribuído, em grande parte, às mudanças sócio-culturais graduais que se seguiram quando as mulheres tornaram-se mais numerosas na força de trabalho e as famílias tornaram-se mais dependentes dessa segunda renda.

"Vi crescer [minha filha] e acho que muito disso tem relação com meu próprio crescimento", observou uma mãe que trabalha pesquisada para o estudo "Pergunte às Crianças". "E grande parte



desse crescimento tem relação com o fato de que tive essa extensão da minha vida no mundo do trabalho. Poderia ter tido outros interesses... se não trabalhasse... mas acho que ganhei mais e pude dar mais para ela, como resultado de ter essa independência na minha própria vida."

"Acho que você pode ser tão bom pai trabalhando ou ficando em casa", sugeriu outro pai. "Depende de onde o pai está vindo e de quais são seus conhecimentos."

Os pesquisadores encontraram casos em que o emprego de uma mãe teve impacto negativo sobre os laços com seu filho. Mas isso ocorreu mais provavelmente em casos em que os filhos recebiam cuidados insuficientes, ocupavam tempo mais que mínimo com o cuidado dos filhos ou experimentavam mudanças muito freqüentes na rotina de cuidar dos filhos.

No debate público, entretanto, essas nuances tendem a ser desconsideradas pelos que acham o emprego materno uma proposição excludente. Se uma mãe trabalha, ou é bom ou ruim para seus filhos. Existem também aqueles que questionarão as mulheres que optam por ficar em casa. Se o trabalho não prejudica as crianças, qual é a justificativa para não fazê-lo? As mães domésticas afirmam que sabem que sua presença em tempo integral na casa é boa para seus filhos e, normalmente, elas estão certas. Também existem as mães que dizem que seu emprego beneficiou sua prole. Em grande parte, o sucesso ou o fracasso de uma ou outra abordagem depende das pessoas envolvidas e das circunstâncias de suas vidas. O que é certo para uma pessoa pode não estar certo para outra. E a qualidade da assistência e a experiência individual da criança têm grande importância na determinação do impacto resultante.

Como parte do nosso envolvimento nesse debate contínuo, colocamos outra questão: "É muito melhor para todos os envolvidos se o homem ganhar o dinheiro e a mulher cuidar da casa e das crianças?" Cinquenta e um por cento dos pais empregados pesquisados concordaram "inteiramente" ou "em parte". Uma vez mais, os pais empregados estavam mais dispostos a concordar que as mães empregadas, com as distinções surgindo não em famílias em que os dois trabalhavam, mas com pais

empregados cujas esposas permaneciam em casa.

Imagina-se por que existe apoio tão forte para a família tradicional em uma época em que menos lares encontram-se nesse padrão? Dentre os pais casados na força de trabalho, o percentual com esposas empregadas subiu de 49% em 1977 para 67% trinta anos mais tarde.

Acredito que as opiniões de pais empregados são complexas; mais do que imaginam os que interpretariam as conclusões como uma convocação para que as mães saiam da força de trabalho e retornem para casa. Na verdade, mais de sete em cada dez mães e pais empregados concordam que seria ótimo que a mulher se tornasse o provedor econômico e o homem, o educador. Por fim, a maior parte dos pais empregados não está endossando nem rejeitando a estrutura familiar tradicional; ao contrário, eles simplesmente têm saudade de uma vida menos estressante.

MOVENDO-SE PARA ALÉM DO "EXCLUDENTE"

Até agora, a linguagem que utilizamos para descrever a vida familiar e de trabalho também se encaixou em padrões de "excludência", refletindo a noção de que trabalho e família são mundos separados e não sobrepostos. Isso precisa mudar. Como escreveu Rosalind Barnett, da Universidade de Brandeis, em 1977, precisamos mover-nos para além do conceito de esferas separadas com relação à compreensão de que trabalho e família estão inextricavelmente interconectados e que, na verdade, múltiplos papéis podem energizar e não esgotar-nos.

Existe também uma noção errada de "excludência" com relação ao equilíbrio entre família e trabalho. O equilíbrio conota uma balança: se um lado está alto, o outro deve estar baixo. O objetivo, como observam tipicamente os pais que trabalham, é manter ambos os lados iguais ou homogêneos. Embora a noção de equilíbrio seja correta e, considerando tanto o trabalho como a família do mesmo lado, as conexões são mais dinâmicas que indica o equilíbrio. Os dois lados podem estar para cima ou para baixo ao mesmo tempo. O que funciona para uma pessoa não serve necessariamente para outra.



Por fim, existe o conceito de qualidade do tempo contra a quantidade de tempo. Ele indica que são mutuamente exclusivos. Descobrimos, entretanto, que não se pode separar a quantidade do tempo do que acontece durante esse tempo.

E assim precisamos chegar à etapa seguinte: perguntar às crianças. Ao fazê-lo, podemos não apenas ver o que fazemos de forma nova; podemos também reenquadrar o debate. Pelas minhas muitas discussões com pais de todo o país, acredito que estamos prontos para ouvir as crianças e, ao fazê-lo, abraçar uma visão mais precisa e capacitadora. ■

Ellen Galinsky é co-fundadora e presidente do Instituto das Famílias e Trabalho, um centro sem fins lucrativos com sede em Nova York para pesquisas sobre as mudanças na família, locais de trabalho e comunidade norte-americana. Ela é autora de vinte livros e relatórios, incluindo "Pergunte às Crianças: O Estudo Revolucionário que Revela como ter Sucesso no Trabalho e como Pai" (Quill, 2000), do qual é extraído este artigo.



As VOZES

DAS FAMÍLIAS NORTE-AMERICANAS

TIFFANY DANITZ

Tiffany Danitz é escritora contratada do "stateline.org", serviço noticioso on line que cobre a política e questões dos cinquenta Estados norte-americanos. Seu endereço na Internet é "<http://www.stateline.org>".

Através da mistura das vozes das crianças e adultos discutindo sobre seus lares, emerge um retrato da família moderna norte-americana.

O FILHO DO PREGADOR

Chris Haney, de 17 anos, mora em Charlotte, Carolina do Norte. Seu pai, Doug, é ministro de música em uma igreja batista e sua mãe, Laurie, ajuda a administrar um serviço de creche. Ele mora com os dois pais, que têm mais de 40 anos, e uma irmã de 14 anos de idade.

"Em comparação com as muitas pessoas que conheço que têm famílias divorciadas, acho estranho que meus pais raramente briguem. Tenho sorte; meus pais são quase perfeitos e muito, mas muito felizes. Vejo-os brincando em volta entre si, rindo mais do que brigando. Não costumo pensar sobre isso, mas de vez em quando isso me vem à mente e quero para mais tarde algo como o que estou vivendo hoje", afirma ele, contemplando seu futuro.

Os filhos dos pregadores têm reputação de serem um tanto tempestuosos, mas Chris afirma que não necessita atuar muito. "Sou o único menino a usar brincos na igreja e sou o único garoto que fala sobre fazer uma tatuagem, mas não sou uma má criança. Eu gosto que alguém olhe para mim e pense 'oh, meu Deus', mas as pessoas que falam comigo vêem que sou tão bom quando o garoto ao lado."

Chris acrescenta que, "sem sombra de dúvida", a religião é importante para ele devido aos seus pais.

"É a forma como fui criado." Sobre seu pai, Chris afirma: "Comecei a entender que ele realmente é bom no que faz e que eu devo respeitá-lo. Eu e meu pai somos realmente ótimos juntos."

QUANDO TUDO O QUE VOCÊ TEM É VOCÊ MESMO

Um dia típico para John McCaslin, de 43 anos, pai divorciado de uma filha de 12 anos de idade, Kerry, no norte da Virgínia, é cheio de atividades.

McCaslin e Kerry levantam-se cedo e tomam café antes que ele a deixe na escola. Ele então segue de carro sobre o Rio Potomac até o Capitólio ou a Casa Branca para coletar material para a sua coluna no jornal "The Washington Times". Ele retorna a Virgínia para pegá-la na escola.

"Em sete anos, nunca deixei de pegá-la às três horas da tarde todos os dias. Tenho sorte. Quantos pais podem dizer isso?"

Sua filha tem aulas de lacrosse, caratê, futebol ou basquete. "Sempre há algo acontecendo dois ou três dias por semana após a escola e duas a três horas de lição de casa", afirma McCaslin.

Ele cozinha boa parte das refeições. Duas vezes por semana, saem para jantar. Mas ele não se considera pai e mãe. "Não acho que alguém pode substituir" uma mãe, concorda ele. "Mas as mães e os pais necessitam compreender que as funções que estou desempenhando são funções dos pais, não especificamente do pai ou da mãe, especialmente hoje em dia, na época atual".



McCaslin afirma ainda que ele sentiu o estigma de criar uma filha sozinho.

"Muitas das mães na escola acham estranho que eu não tenha me comprometido [de novo]. Mas não acho que eu esteja pronto", explica ele.

As recompensas pelos horários flexíveis são óbvias, prossegue ele.

"A oportunidade de estar disponível para uma criança é única, mas também ter a oportunidade de estar mais disponível que qualquer outro pai, e o amor que você recebe em troca, é maravilhoso. A desvantagem é que não somos uma família completa. Sou definitivamente defensor da família funcional típica. A unidade antiga em que acredito parece bizarra na minha situação. Essa é a desvantagem; nem tanto para mim, mas para ela." Ainda assim, ele afirma, em todos os lugares a que ele vai, recebe elogios de pessoas que falaram com ela. "Que indivíduo tremendamente bem moldado", dizem eles". Mesmo os pais da sua ex-esposa maraviham-se ao ver como tudo saiu bem.

Ainda assim, ele não se vangloria.

"Tive sorte. Sei como é difícil para qualquer criança passar por isso. Mas eu fui abençoado. Temos um canal de comunicação muito aberto e sou muito receptivo."

ADIANTANDO-SE

Moradora de Dallas, Texas, Jean-Ann Cooper, de 46 anos, é uma madrasta.

Seu primeiro desafio nesse papel, lembra ela, foi o de superar o medo, "do tipo de medo profundo. Embora a mãe deles tenha se casado de novo, as crianças não queriam que seu pai se casasse novamente."

Embora Jean-Ann tenha agora se casado com Bob Cooper, de 50 anos, que tem três filhos com idades variando de 19 a 24, ela foi criada em uma família tradicional com dois irmãos e pais que, atualmente, são casados há 56 anos.

Cooper afirma que ela temia que os filhos de Bob não gostassem dela.

"Quero dizer que eram três contra uma! Quais são as chances? Eu também tinha medo que Bob não gostasse do tipo de madrasta que eu pudesse ser. O maior desafio que tenho é o de ser mãe sem ser mãe. Em uma situação de madrasta, nunca deve

haver dúvida de que o sangue é mais espesso que a água. Mesmo quando meu marido está nervoso com seus filhos e pretende discipliná-los, aprendi da pior forma que nunca devo concordar com ele em voz alta. É melhor apenas escutar e apoiar suas decisões sobre a melhor forma de lidar com a situação."

"Minha experiência ensinou-me que é difícil para um pai entender por que a madrasta não ama os filhos tanto quanto ele. Não é que eu não ame meus enteados. Sou louca por eles e não sei de que forma eu poderia amá-los mais do que o faço. Mas simplesmente não há substituto para quem dá a vida a esses bebês. Não importa quanto tempo eu passe com eles, ou quantas vezes eu lhes diga que os amo, eu sei que Bob gostaria que eu os amasse mais. A questão é que não acredito que algum dia terei a capacidade de amá-los tanto quanto ele."

Mas Cooper ama sua vida familiar.

"As experiências diárias de ser uma madrasta enriqueceram minha vida para além dos meus sonhos mais ardentes. Adorei ter parte ativa nas suas vidas. Adorei assistir às suas partidas de tênis, levá-los para a escola, assar seus bolos de aniversário; até mesmo levá-los a julgamento de trânsito! E, enquanto estão na escola, adoro quando seus amigos surgem para ver Bob e eu. É um pedaço do céu saber que os amigos das crianças também são nossos amigos; a confirmação de que fizemos alguma coisa certa."

"Talvez seja porque somos uma família com madrasta e um grande percentual de nossos amigos está em famílias com a mesma situação. Não há dúvida que isso apresenta desafios para todos os membros da família, mas pelo menos tenho muitas amigas que são madrastas com quem falar quando preciso!"

SOZINHOS

Elin Ross e Michael Olson de Frederick, Maryland, são casados há dez anos, desde quando ela tinha 21 e ele, 23 anos de idade. Eles optaram por não ter filhos. Ross afirma que seu estilo de vida permite que eles paguem empréstimos escolares, ofereçam-se mais freqüentemente como voluntários e viajem.

Ross recorda ter ouvido um programa no rádio recentemente sobre casais sem filhos. "Infelizmente, a maior parte deles pareceu militantemente odiar



crianças, o que me aborreceu porque acho que a maioria das pessoas que não tem filhos não é como eles. Acho que eles fizeram simplesmente uma escolha consciente para concentrar-se em outras coisas nas suas vidas. Ter filhos é uma grande responsabilidade e retém muito poder. Não estou certa de estar confortável em ter esse tipo de controle."

NÚCLEAR E DESAFIADO

Terry Whitney, de 38 anos, mensageiro do United Parcel Service em Denver, Colorado, relata um dilema comum para o núcleo familiar.

"Nosso maior desafio é encontrar tempo suficiente para estarmos juntos como uma família, dada a concorrência do trabalho, comunidade e atividades voluntárias. Também é um desafio ser pai no mundo de hoje, dado o custo dos alimentos, cuidados diários, eletricidade e roupas."

VIVENDO COM O AUTISMO

Rachel Brenner, de 11 anos, e seu irmão Dov, de sete, explicam o que é viver com seu irmão mais velho, Michael, de 12, que é autista. [O autismo é uma disfunção mental que inibe a capacidade de interação; apesar disso, em muitos casos, as pessoas que são autistas possuem dons ou capacidades especiais.]

"Às vezes é difícil quando ele está em modo autista e desliga você", afirma Rachel. "Mas ele tem esses talentos que divertem a todos, e viver com ele é um tanto estranho, mas também é divertido".

Quando os amigos de Rachel vêm para a casa da família no norte do Estado de Nova York, Michael se apresenta. "Ele se senta ao piano e começa a tocar sem ler música ou nada", ela afirma.

As crianças jogam videogame juntas e vão ao cinema ou ao boliche juntas. Mas Dov ressalta que assistir à televisão com seu irmão pode ser frustrante.

"Algumas vezes ele muda os canais enquanto as pessoas estão assistindo. Digo a ele que retorne, mas ele não ouve. Algumas vezes, se estou dormindo com ele e ele está falando, digo a ele que pare, mas ele não pára."

A mãe de Dov, Stephanie Brenner, entende suas frustrações. Se Dov deixar o computador por um minuto, Michael pode surgir e abrir um programa diferente, "o que realmente frustra muito Dov". Estas são as coisas que dificultam uma família que vive com autismo, acrescenta ela.

Por enquanto, as crianças ainda exibem uma dose saudável de rivalidade entre irmãos e se envolvem em discórdias comuns em famílias "normais". Dov parece típico quando afirma que não se dá com sua irmã, observando "eu me dou bem com Michael". E Rachel admite que algumas vezes ela deseja a atenção que seus irmãos recebem.

"Fui bem na escola", explica ela. "Meus pais nunca precisavam me ajudar. Quando Dov começou na escola, eles tinham que ajudá-lo. Michael necessita de ajuda todos os dias com a lição de casa. Se eu preciso de ajuda, tenho que esperar."

Ela também ressalta que, às vezes, a família não pode ir a certos lugares ou fazer certas coisas por causa do Michael. "Ele realmente tira a atenção de mim", afirma ela, "mas não ligo. Posso lidar com isso. E eu daria a Michael toda a minha atenção porque ele é ótimo."

TUDO O QUE VOCÊ PRECISA É AMOR

Monroe, Carolina do Norte, é o lar do corretor de imóveis James Kerr, de 34 anos, sua esposa Dana, de 33 anos, e seu filho McCain, de três anos de idade. "Difícilmente vemos televisão, a menos que seja noticiário", afirma Dana, uma mãe que fica em casa.

"Lemos muito, especialmente James", observa ela. "Nós dois lemos para McCain. Preferimos arte a esporte todos os dias e raramente deixamos de jantar juntos."

Dana acredita que o amor que ela e James compartilham ajudou seu filho a crescer.

"Acredito que nosso relacionamento é mais saudável e mais forte que a maioria. Confiamos-nos mutuamente, planejamos juntos o tempo sozinhos e gostamos de rir juntos. Temos orgulho de não termos um casamento típico. Achamos que nosso filho será forte. Nosso casamento é forte. Compartilhamos nosso amor entre nós e com nosso filho. É o máximo que qualquer pessoa pode esperar."



A UNIDADE NUCLEAR

Nicholas Fitz, de 11 anos, está no sexto ano da Escola John Eaton no Parque Cleveland de Washington, D. C. Ele afirma que viver na cidade é ótimo, porque oferece às famílias muitas coisas engraçadas para fazerem juntos. Embora somente Nick viva com sua mãe e seu pai, ele tem um meio-irmão de 31 anos que vive na Califórnia e uma irmã de 27 em Chicago, ambos do casamento anterior do seu pai. Muitos dos seus amigos também têm meio-irmãos. Como resultado, ele considera sua família na média do grupo de seus colegas.

Ele é bastante envolvido com seus pais.

"Posso fazer muitas coisas com meu pai, como andar de caiaque e viajar", afirma Nick. "Ele é realmente compreensivo. Fala comigo sobre tudo. Minha mãe sabe exatamente como me sinto e o que quero. Ela está sempre disponível para mim, ajudando-me muito."

CRIANÇAS COM EXCESSO DE TAREFAS

Apenas ouvir Stacey Rose-Blass, de 40 anos, descrevendo seu dia pode desgastar uma pessoa.

Ela e seu marido Jay, de 42 anos, dividem seu tempo livre transportando suas duas filhas, de dez e sete anos, para aulas de dança, futebol, basquete, clube literário, coral escolar e aulas de hebraico. Blass afirma que ela não sabe se eles são hiperpais ou se estão envolvendo excessivamente seus filhos em atividades. Na verdade, até certo ponto, Blass e seu marido buscaram aconselhamento marital até descobrirem que estavam simplesmente passando algum tempo juntos sozinhos.

O marido de Blass é um gerente projetista de construções em Maryland e sai para o trabalho às 5:30 da manhã. Stacey apronta as meninas para a escola antes de sair, às oito horas, para a agência governamental norte-americana, onde trabalha como gerente de programas regionais.

"Normalmente passo cerca de 45 minutos no carro", afirma ela sobre o transporte, "que acabei por adorar, já que é o único tempo livre que tenho". As meninas vão para a creche quando a escola termina às duas horas da tarde. Seu pai as pega no caminho de casa para o trabalho. Em seguida,

começam as atividades e os dois pais se dividem para transportar as meninas e ainda aprontar o jantar.

"O jantar é normalmente responsabilidade do meu marido", afirma Stacey. "Realmente tenho sorte nesse ponto, já que a maior parte das minhas amigas ainda tem que cozinhar, além de cuidar da limpeza e da lavagem de roupas".

Embora as meninas tenham algo para fazer todas as noites e na maior parte dos fins de semana, Blass e seu marido não deixam nada interferir com a instrução religiosa do judaísmo. "É tão importante", defende Stacey. "Não somos extremamente religiosos, mas queremos que nossas filhas cresçam com as mesmas práticas religiosas que temos, para terem estrutura sólida para fazer isso."

REALIZAÇÕES ISOLADAS

Kathleen Boyle é funcionária do serviço diplomático dos Estados Unidos e mãe solteira de duas meninas bolivianas, com idades de oito e sete anos.

"Na comunidade dos serviços diplomáticos, quase todos os que conheço têm pelo menos uma criança adotada", afirma ela. É um estilo de vida único que permite que as crianças aprendam muito mais sobre o mundo ao seu redor. Boyle levou as meninas com elas para o Laos em missão. Agora elas voltaram aos Estados Unidos aguardando sua próxima designação.

"Elas são mais conscientes do mundo que o resto das crianças da sua tropa do Brownie (bandeirantes)", ressalta Boyle.

Kit Boyle é o primeiro membro da sua família irlandesa americana a adotar crianças de um grupo étnico diferente, mas as meninas foram bem aceitas pela toda a sua família.

"O que realmente foi interessante", revela, "foi o aspecto 'natureza versus educação'. De muitas formas, as meninas são muito parecidas comigo. Nossos interesses são os mesmos (acampar, nadar), coisas que gosto de fazer. Meus irmãos não, mas minhas filhas sim! E minha filha inca possui genes incas; ela pode construir qualquer coisa!"



A VIDA EM DOIS MUNDOS DIFERENTES

"Sou judia de Nova York, casada com um sino-malaio que foi educado na Inglaterra", afirma Nadine Leavitt Siak, de 35 anos, editora de uma publicação internacional.

"Ainda temos uma casa e dois carros e vivemos no subúrbio com um cachorro. Não nos considero incomuns. Os detalhes podem ser incomuns, mas o quadro geral é tipicamente norte-americano", ressalta ela.

Para enfatizar a questão, acrescenta ela, "vemos televisão e não praticamos esportes bizarros. Meu marido é viciado em café e eu gosto de chá. A única coisa que pode ser incomum é nossa concentração em comida; que parece ser muito chinesa e muito judia. As refeições possuem maior significado em

nossa família que na família média norte-americana."

Viver em um casamento misto não afetou seu relacionamento, prossegue. "Quando discordamos, tendo a pensar sobre isso como uma dicotomia entre homem e mulher, mais do que entre chinês cristão e judeu norte-americano. Acho que é muito importante saber o ponto de vista dele (sua perspectiva de homem chinês) sobre todos os assuntos, pequenos e grandes, desde a eleição presidencial até como encher a lava-louça."

Nadine considera que tentar capturar a essência da família norte-americana é como tentar responder à questão "como está o tempo na China?" A resposta? "Bem, é um lugar grande." Como é então a família norte-americana? "Como o tempo na China, pode ser tudo e qualquer coisa", observa ela. ■



APRIMORAMENTO DO LAR

LAURA SHAINÉ CUNNINGHAM

Em algumas manhãs, naqueles momentos intermediários entre sonhar e acordar, confundo o passado com o presente.

Ouçó uma pequena garota chamar sua mãe e, por um momento, imagino que sou eu quem está gritando. "Mamãe" ainda evoca minha própria mãe e o chamado ecoa uma necessidade que, de alguma forma, nunca foi atendida. Mas agora os gritos vêm de minhas próprias filhas pequenas e sou eu quem deve fornecer o conforto e as respostas.

Alcanço o piso correndo. No ofuscamento da madrugada, corro, meio sem enxergar, sem minhas lentes de contato, para a atmosfera confusa do medo infantil. Em meio a esse nevoeiro, soa o alarme no meu subconsciente. É fácil lembrar outro lar, outra época, outro chamado de ajuda. Agora minhas filhas têm oito e seis anos de idade. Quando eu tinha oito anos, meu pesadelo era real: minha mãe morreu.

Nas sombras ao nosso redor, retorno mentalmente àquela época precoce, o apartamento em Nova York em que eu vivia com minha mãe e mais tarde, após sua morte, com seus irmãos; meus tios. Os tios ficaram comigo pelos oito anos seguintes.

Esta foi uma grande mudança para os meus tios; eles haviam vivido por muito tempo existências solitárias separadas mas similares em cidades vizinhas. Meu tio Len havia cultivado uma aura de mistério; ele ficava em hotéis, parecia usar nomes falsos e insinuava fazer trabalhos "secretos". Por muitos anos, acreditei que ele fosse um espião (quando adulta, descobri que ele havia sido um economista que às vezes trabalhava à noite como detetive particular). Ele também escrevia histórias de

detetives que abordavam heróis como ele; homens gigantes em casacos e chapéus desengonçados que viajavam incógnitos para portos de escala exóticos.

Len viajava com pouca bagagem. Como ele dizia, ele carregava suas roupas em um envelope de manila. Quando ele se mudou comigo, foi com uma pasta e não com um carregamento de cartões. Seu irmão mais novo, Gabe, dois anos mais novo em 38 quando ele se mudou, era muito diferente de Len. Gabe adorava cantar e jogar jogos infantis. Cantava noite e dia. Ele não sabia nada sobre a vida doméstica. Os meus dois tios eram considerados excêntricos, quando não insanos, pelas mulheres da vizinhança.

Nessa casa em breve entrou uma quarta pessoa: minha avó Etká, da Rússia. Ela tinha 80 anos quando se mudou e eu tinha oito. Dividimos um quarto que chamávamos o Quarto das Garotas. Também dividimos nossas noites de terror; Etká também acordava confusa com fantasmas, gritando em busca de ajuda. Algumas noites, minha avó (veterana de cinco partos em casa) imaginava que havia tido um bebê e que o bebê havia se perdido na sua cama. Meus tios corriam para confortá-la.

Hoje, se minhas filhas chorarem forte o suficiente, acordarão um dos mesmos tios. Len, agora com 84 anos, vive conosco (Gabe, que se casou quase 30 anos atrás, vive em Israel). Ele pergunta "está tudo bem?" O próprio som da sua voz, que me deu confiança durante meus pesadelos de criança, agora tranquiliza a nós todos.



Minha vida atual não apenas repete mas também recompõe os padrões que são construídos em toda a história da nossa família. A diferença principal pode ser que o que era estranho no final dos anos 1950 tornou-se agora menos incomum. Quando nasci, as famílias criadas por mulheres solteiras por livre escolha eram quase desconhecidas na classe média norte-americana. À frente da tendência, minha mãe era uma profissional de 35 anos de idade quando teve a mim como mãe solteira. Naquela época mais tradicional, ela foi obrigada a tecer um tapete de brancas mentiras para encobrir qualquer embaraço ou escândalo. Ela inventou a lenda do meu pai homônimo, Larry, "herói de guerra" que morreu no exterior. Ele era o soldado mais belo e mais valente; o melhor dançarino, o piloto mais condecorado. Ao morrer, ela deixou a lenda e uma fotografia comigo. Ainda tenho aquela foto em uma pasta que tento nunca abrir. A foto, que nunca foi nítida, desbotou e rasgou-se ainda mais, junto com minha crença no assunto. Agora não estou nem mesmo certa de que o homem é meu pai. Ele poderia ser um substituto, alguém tangível que minha mãe podia apresentar-me. Mesmo assim, cuido da fotografia.

Minhas filhas são adotadas; mais provavelmente, elas nasceram fora do casamento, como eu fui. Ambas eram órfãs em virtude de situações políticas nos diferentes países onde nasceram. Em nosso círculo de amigos e conhecidos, existem muitas outras crianças adotadas, algumas em circunstâncias similares. Talvez nós sejamos a nova família "típica": mãe solteira com filhas adotadas de ascendências mistas.

O lar homogêneo pode também pertencer ao século que acaba de encerrar-se. Conseqüentemente, a intimidade do lar abriu-se para acomodar refugiados de turbulências estrangeiras. As biografias das meninas são também as histórias de suas respectivas nações.

Minha filha mais velha, Sasha, nasceu como conseqüência da revolução na Romênia. A ditadura havia abolido todas as formas de controle de natalidade e aborto, o que resultou em milhares de grávidas indesejadas, bebês que nasceram e foram colocados para adoção. Minha filha mais nova, Jasmine, é membro de um triste clube feminino: 300.000 meninas são abandonadas a cada ano com

base na política chinesa de "um único filho", que torna horrivelmente prático colocar uma filha primogênita em um orfanato, na esperança de ter o filho desejado na gravidez seguinte.

Aos 43 anos, tornei-me mãe solteira, como minha própria mãe havia sido. Divorciei-me após 27 anos de casamento. Por quê? Era pessoal? Em parte, sim. Mas talvez fôssemos também parte de um fenômeno maior, a explosão do "núcleo familiar"? O que me reconcilia com minha própria história destruída é que os esforços combinados meus e de meu marido resgataram duas meninas de algo muito mais grave que aquilo a que inconscientemente a submetemos: nosso divórcio. Estou certa de que nosso lar "desfeito" ainda é melhor que qualquer orfanato. Certamente, é o melhor e o único abrigo que posso oferecer. As meninas dormem juntas, a maior parte das noites abraçadas, despreocupadas no seu mimoso mundo. Mas eu sei, em primeira mão, desde a minha infância, quando perdi uma mãe que dançava em uma semana e estava morta na seguinte, que toda segurança é uma ilusão. Somente a sorte, frágil como uma membrana, separa-nos a cada segundo de um desastre.

Quando tropeço rumo a cada dia, reunindo minhas filhas, consolando-as, passando pelos rituais da manhã, estou ciente de que a alguma distância no corredor, meu tio Len também está acordando ou, mais precisamente, já está acordado. Ele reclama que nunca dorme de verdade, apenas descansa. Lembro-me de sua pose, sentado na sua cadeira de braços, da infância; chamávamos seu "olhar memorial de Lincoln", em honra ao seu ídolo, o grande presidente norte-americano com quem Len ainda se parece um pouco.

Assim, as meninas e eu temos nosso herói em casa afinal, tão lendário como meu pai. Aos 84 anos, ele ainda consegue mover-se rapidamente quando uma das meninas o chama. Ele oferece às minhas filhas o que sempre me deu: amor e aprovação sem limites. Seu fluxo de consciência é um comentário corrente de orgulho pela dupla que ele batizou de "as adoráveis". Elas são as mais



inteligentes, as mais belas, as mais talentosas. Elas pintam como Picassos, cantam como estrelas da ópera. Elas enfeitiçaram o tio Len.

Toda família é uma cultura em si própria e a nossa difere em detalhes dos outros lares. Temos nossa própria linguagem de amor, costumes e canções. Mas o propósito da família permanece inalterado: a proteção das crianças, a inclusão da geração anterior, a necessidade que temos uns dos outros. E assim prosseguimos com nossas vidas: cantando, pintando, decorando nossas paredes com desenhos pessoais. Sob o nosso teto, residem três gerações, outra reprise do meu lar original.

Embora minha avó se comportasse mais como uma irmã mais velha (ela roubava minhas jóias e até minha roupa), ela também me ensinou como dizer "eu te amo" em russo. Lembramo-nos dela todos os dias. Ela era pequena, com olhos brilhantes como grãos de café, até o olho ruim escurecer-se e tornar-

se opaco com uma catarata. Algumas vezes, como ainda faz meu tio Len, ela via claramente através do tempo e da neblina da idade. Uma noite, ela agarrou meu braço e me disse, com pressão tão forte como as barras que a prendiam à cama de noite: "Minha vida passa como um sonho."

Penso nessas palavras enquanto corro para o quarto das minhas filhas. Corro rápido, para ultrapassar seus medos, proporcionar o único conforto que posso, o conforto eterno de todas as mães em todos os tempos:

"Não chore, mamãe está aqui." ■

Laura Shaine Cunningham é autora de uma autobiografia, "Um Lugar no Campo", "Acordos para Dormir" e outros romances.



BIBLIOGRAFIA

SE VOCÊ QUISER SABER MAIS SOBRE . . .

LIVROS, ARTIGOS E DOCUMENTOS

Barnes, Gill Gorell et al. "*Growing Up in Stepfamilies*" (Crescendo em Famílias com Padrastos). Oxford: Clarendon Press, 1998.

Besharov, Douglas J., ed. "*America's Disconnected Youth: Toward a Preventive Strategy*" (A Juventude Desligada dos Estados Unidos: Rumo a uma Estratégia Preventiva). Washington, DC: Instituto Empresarial Norte-Americano para Pesquisa de Política Pública, 1999.

Bianchi, Suzanne M. "*Maternal Employment and Time with Children: Dramatic Change or Surprising Continuity?*" (O Emprego Materno e o Tempo com os Filhos: Mudança Dramática ou Surpreendente Continuidade?), *Demography*, novembro de 2000, págs. 401-414.

Bolton, Michele Kremen. "*The Third Shift: Managing Hard Choices in Our Careers, Homes and Lives as Women*" (A Terceira Onda: Gerenciando Escolhas Difíceis em nossas Carreiras, Lares e Vidas como Mulheres). San Francisco: Jossey-Bass, 2000.

Booth, Alan and Crouter, Ann C., eds. "*Men in Families: When Do They Get Involved? What Difference Does It Make?*" (Os Homens em Famílias: Quando Eles se Envolvem? Que Diferença Isso Faz?), Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum Associates, 1998.

Braver, Sanford L., com O'Connell, Diane. "*Divorced Dads: Shattering the Myths*" (Pais Divorciados: Rompendo os Mitos). Nova York: Jeremy P. Tarcher/Putnam, 1998.

Bray, James H. e Kelly, John. "*Stepfamilies: Love, Marriage, and Parenting in the First Decade*" (Famílias com Padrastos: Amor, Casamento e Pais na Primeira Década). Nova York: Broadway Books, 1998.

Chadwick, Bruce A. e Heaton, Tim B., eds. "*Statistical Handbook on the American Family*" (Manual Estatístico da Família Norte-Americana). 2ª ed. Phoenix, AZ: Oryx Press, 1999.

Coltrane, Scott. "*Family Man: Fatherhood, Housework and Gender Equity*" (Os Homens na Família: Criação dos Filhos, Trabalho Doméstico e Igualdade entre os Sexos). Nova York: Oxford University Press, 1996.

Coontz, Stephanie. "*The Way We Really Are: Coming to Terms with America's Changing Families*" (A Forma como Realmente Somos: Encontrando-se com as Famílias Norte-Americanas em Mutação). Nova York: Basic Books, 1997.

Coontz, Stephanie, com Parson, Maya e Raley, Gabrielle, eds. "*American Families: A Multicultural Reader*" (Famílias Norte-Americanas: Um Leitor Multicultural). Nova York: Routledge, 1999.

Cunningham, Laura Shaine. "*A Place in the Country*" (Um Lugar no Campo). Nova York: Riverhead Books, 2000.

Demo, David H.; Allen, Katherine R.; e Fine, Mark A., eds. "*The Handbook of Family Diversity*" (Manual da Diversidade Familiar). Nova York: Oxford University Press, 2000.

Farrell, Betty G. Family: "*The Making of an Idea, an Institution, and a Controversy in American Culture*" (A Elaboração de uma Idéia, uma Instituição e uma Controvérsia na Cultura Norte-Americana). Boulder, CO: Westview Press, 1999.

Folbre, Nancy. "*The Invisible Heart: Economics and Family Values*" (O Coração Invisível: A Economia e Valores Familiares). Nova York: New Press, 2001.



Friedman, Stewart D. and Greenhaus, Jeffrey H. "Work and Family--Allies or Enemies? What Happens When Business Professionals Confront Life Choices" (O Trabalho e a Família: Aliados ou Inimigos? O que Acontece quando Profissionais Enfrentam Escolhas de Vida). Nova York: Oxford University Press, 2000.

Furstenburg, Frank F., Jr., e Cherlin, Andrew J. "Divided Families: What Happens When Parents Part" (Famílias Divididas: O Que Acontece Quando os Pais vão Embora). Cambridge, MA: Harvard University Press, 1991.

Galinsky, Ellen. "Ask the Children: What America's Children Really Think about Working Parents" (Pergunte às Crianças: O Que as Crianças Norte-Americanas Realmente Acham sobre Pais que Trabalham). Nova York: Morrow, 1999.

Gillis, John R. "A World of Their Own Making: Myth, Ritual and the Quest for Family Values" (Um Mundo em Criação Própria: Mitos, Rituais e a Busca de Valores Familiares). Nova York: Oxford University Press, 1997.

Greiff, Barrie Sanford. "Legacy: The Giving of Life's Greatest Treasures" (O Legado: Oferecendo os Maiores Tesouros da Vida). Nova York: Regan Books, 1999.

Hamburg, David A. "Today's Children: Creating a Future for a Generation in Crisis" (As Crianças de Hoje: Criando o Futuro para uma Geração em Crise). Nova York: Times Books, 1992.

"Harvard Business Review on Work and Life Balance" (Exame Comercial Harvard sobre o Equilíbrio entre a Vida e o Trabalho). Boston, MA: Harvard Business School Press, 2000.

Helburn, Suzanne W., ed. "The Silent Crisis in U.S. Child Care" (A Crise Silenciosa na Assistência às Crianças dos Estados Unidos). Anais da Academia de Ciências Sociais e Políticas, maio de 1999, págs. 8-219.

Essa edição trata dos custos, efeitos e qualidade da assistência infantil nos Estados Unidos.

Hochschild, Arlie Russell com Anne Machung. "Second Shift: Working Parents and the Revolution at Home" (A Segunda Onda: Pais que Trabalham e a Revolução no Lar). Nova York: Viking, 1989.

Hochschild, Arlie Russell. "The Time Bind: When Work Becomes Home and Home Becomes Work" (A União do Tempo: Quando o Trabalho se Torna Lar e o Lar se Torna Trabalho). Nova York: Metropolitan Books, 1997.

Hutter, Mark. "The Changing Family" (A Família em Mutação). 3ª ed. Needham, MA: Allyn & Bacon, 1998.

Hutter, Mark, ed. "The Family Experience: A Reader in Cultural Diversity" (A Experiência Familiar: Um Leitor em Diversidade Cultural). 3ª ed. Boston: Allyn & Bacon, 2000.

Kaetz, James P., ed. "Marriage & Family" (Casamento e Família). The Phi Kappa Phi Journal, verão de 2000, págs. 10-45. Série de artigos de Stephanie Coontz e outros.

Lynd, Robert S. e Lynd, Helen Merrell. "Middletown: A Study in Modern American Culture" (Middletown: Estudo da Cultura Moderna Norte-Americana). Nova York: Harcourt, Brace, 1959.

Mintz, Steven e Kellogg, Susan. "Domestic Revolutions: A Social History of American Family Life" (As Revoluções Domésticas: Um Histórico Social da Vida Familiar Norte-Americana). Nova York: Free Press, 1988.

Perlow, Leslie A. "Finding Time: How Corporations, Individuals, and Families Can Benefit from New Work Practices" (Como Encontrar Tempo: Como as Empresas, os Indivíduos e as Famílias podem Beneficiar-se das Novas Práticas de Trabalho). Ithaca, NY: ILR Press, 1997.

Pitt-Catsouphes, Marcie e Googins, Bradley K., eds. "The Evolving World of Work and Family: New Stakeholders, New Voices" (O Mundo em Evolução de Trabalho e Família: Novos Participantes, Novas Vozes). Anais da Academia Norte-Americana de Ciências Sociais e Políticas março de 1999, págs. 8-211.

Os artigos abordam famílias e organizações diversas, famílias e organizações em transição e oferecem perspectivas políticas sobre trabalho e família.



Robertson, Brian C. "There's No Place Like Work: How Business, Government and Our Obsession with Work Have Driven Parents from Home" (Não Há Lugar como o Trabalho: Como as Empresas, o Governo e Nossa Obsessão pelo Trabalho Retiraram os Pais de Casa). Dallas, TX: Spence, 2000.

Shellenbarger, Sue. Work & Family: "Essays from the 'Work & Family' Column of the Wall Street Journal" (Ensaio da Coluna 'Trabalho e Família' do Wall Street Journal". Nova York: Ballantine Books, 1999.

Smith, Tom W.; Davis, James A.; e Marsden, Peter V. "The Emerging 21st Century American Family" (A Emergente Família Norte-Americana do Século XXI). Chicago: Centro Nacional de Pesquisas de Opinião, Universidade de Chicago, 24 de novembro de 1999. <http://www.norc.uchicago.edu/online/emerge.pdf>

Sommers-Flanagan, Rita; Elander, Chelsea; e Sommers-Flanagan, John. "Don't Divorce Us! Kids' Advice to Divorcing Parents" (Não se Divorcie de Nós! O Conselho das Crianças para Pais que estão se Divorciando). Alexandria, VA: Associação Norte-Americana de Aconselhamento, 2000.

South, Scott J. e Tolnay, Stewart E., eds. "The Changing American Family: Sociological and Demographic Perspectives" (A Família Norte-Americana em Mutação: Perspectivas Sociológicas e Demográficas). Boulder, CO: Westview Press, 1992.

Stacey, Judith. "In the Name of the Family: Rethinking Family Values in the Postmodern Age" (Em Nome da Família: Repensando os Valores Familiares na Era Pós-Moderna). Boston: Beacon Press, 1996.

Teachman, Jay D.; Tedrow, Lucky M.; e Crowder, Kyle D. "The Changing Demography of America's Families" (A Demografia Mutante das Famílias Norte-Americanas). *Jornal de Casamento e Família*, novembro de 2000, págs. 1234-1246.

Unell, Barbara C. e Wyckoff, Jerry L. "The 8 Stages of Parenthood: How the Stages of Parenting Constantly Reshape Our Adult Identities" (Os Oito Estágios da Criação de Filhos: Como os Estágios da Criação de Filhos Remodelam Constantemente Nossas Identidades Adultas). Nova York: Times Books, 2000.

Departamento de Trabalho dos Estados Unidos. "Meeting the Needs of Today's Workforce: Child Care Best Practices" (Atendendo às Necessidades da Força de Trabalho Atual: Melhores Práticas de Assistência Infantil). Washington: 1998. <http://www.dol.gov/dol/wb/childcare/child3.pdf>

Departamento de Trabalho dos Estados Unidos. Escritório da Mulher. "Employer Child Care Resources: A Guide to Developing Effective Child Care Programs and Policies" (Recursos de Assistência Infantil dos Empregadores: Guia para o Desenvolvimento de Programas e Políticas Eficazes de Assistência Infantil). Washington: 1998.

Instituto Urbano. "Snapshots of America's Families II: A View of the Nation and 13 States from the National Survey of America's Families" (Instantâneos das Famílias Norte-Americanas II: Uma Visão da Nação e de 13 Estados através da Pesquisa Nacional das Famílias Norte-Americanas). Washington: Instituto Urbano, 2000.

http://newfederalism.urban.org/nsaf/snapshots_index.html

Comentário sobre o estudo publicado por "U.S. News Online" disponível no endereço:

<http://newfederalism.urban.org/nsaf/media/usnews.html>

Wallerstein, Judith; Lewis, Julia; e Blakeslee, Sandra. "The Unexpected Legacy of Divorce: A 25-Year Landmark Study" (O Legado Inesperado do Divórcio: Um Estudo Histórico de 25 Anos). Nova York: Hyperion Books, 2000.

Zuckerman, Diana, ed. "On Common Ground: Prominent Women Talk about Work and Family" (Em Bases Comuns: Mulheres Proeminentes Falam sobre Trabalho e Família). Washington: Instituto de Pesquisa de Política das Mulheres, 1999.



SITES NA INTERNET

AARP (Associação Norte-Americana de Aposentados)

<http://www.aarp.org/>

Organização líder para pessoas com 50 anos de idade e mais, a AARP "atende suas necessidades e interesses através de informação e educação, defesa e serviços comunitários. . . ."

Alguns dos tópicos abordados na página Web incluem computadores e tecnologia, saúde e bem-estar, questões legislativas, lazer e diversão, mudanças de vida, dinheiro e trabalho, pesquisa e referência e experiência de voluntários.

Centro de Informação aos Avós da AARP

<http://www.aarp.org/confacts/programs/gic.html>

O Centro de Informação aos Avós da AARP atende "avós que criam netos, avós que se preocupam com seus direitos de visitação para com seus netos, avós adotivos e avós tradicionais que desejam desempenhar papel na vida dos seus netos". Os serviços oferecidos incluem conselhos no Web site sobre diversos tópicos, publicações impressas, um boletim denominado Criando Netos, informações e referência a grupos de apoio local, assistência técnica e formação de redes, pesquisa e defesa.

AFL-CIO Mulheres que Trabalham Trabalhando Juntas

<http://www.aflcio.org/women/index.htm>

Folhas informativas sobre mulheres que trabalham, pagamentos iguais e assistência infantil são uma característica notável desse site. Ele também contém conjuntos de links de interesse para mulheres que trabalham

http://www.aflcio.org/women/ww_links.htm

e famílias que trabalham

http://www.aflcio.org/front/wf_links.htm .

Aliança de Profissionais pelo Trabalho/Vida

<http://www.awlp.org/>

Esta organização tem a missão de "promover o equilíbrio entre o trabalho/família e vida pessoal". Além de oferecer aos seus membros informações sobre eventos futuros avisos de empregos, o site permite pesquisar em busca de livros, programas de computador, vídeos, seminários e cursos de treinamento sobre benefícios, assistência infantil, assistência a idosos, cultura e flexibilidade.

AmeriStat

<http://www.ameristat.org/>

Desenvolvido pelo Escritório de Referência Populacional em parceria com o demógrafo Bill Frey e especialistas da Universidade de Michigan e da Universidade do Estado de Nova York em Albany, AmeriStat oferece resumos imediatos das características demográficas da população norte-americana. Áreas de interesse incluem casamento e família, estimativas e projeções de população, crianças e a população mais idosa.

Pai em Casa

<http://www.athomedad.com/>

Pai em Casa é um boletim on line trimestral, que foi criado "para conectar os mais de dois milhões de pais que ficam em casa com seus filhos". O boletim também fornece sugestões para empresas domésticas, relatórios pessoais de outros pais em casa, pesquisas e diversos outros recursos disponíveis para pais e seus filhos.

Centro para o Trabalho e a Família

<http://www.centerforworkandfamily.com/>

Com escritórios em Bethesda, Maryland, e Berkeley, Califórnia, o centro oferece treinamento e apoio para funcionários e seus parceiros dentro e fora do local de trabalho. O objetivo é o de "preencher a lacuna entre as necessidades das famílias e o mundo do trabalho". São apresentadas no site informações sobre os diversos seminários e programas de treinamento do centro.

Centro para Famílias Que Trabalham

<http://workingfamilies.berkeley.edu/>

Composto de um grupo interdisciplinar da Faculdade de Berkeley da Universidade da Califórnia, estudantes graduados, acadêmicos visitantes e pesquisadores pós-graduados que estão pesquisando sobre famílias e "culturas de assistência", o centro oferece rica variedade de recursos nesse site. As seções oferecem informações sobre palestras, seminários, projetos de pesquisa, publicações, relatórios, bibliografias, planos de estudos, reportagens, anúncios e links relacionados.

Sem Crianças por Escolha

<http://now2000.com/cbc/>

"Sem Crianças por Escolha é uma central de informações para pessoas que decidiram não ter filhos e para aqueles que estão decidindo se devem ou não tornar-se pais." Livros, cópias de edições antigas do boletim do CBC e outros itens podem ser comprados no site. Também estão disponíveis links para recursos relacionados".



Crianças Agora

<http://www.childrennow.org/economics/>

Este grupo de defesa para crianças promove diversos programas, incluindo um sobre Famílias que Trabalham, que promove "assistência infantil de qualidade, assistência médica, apoio a crianças e políticas justas de impostos" para ajudar as famílias que trabalham a mudarem da assistência pública para a força de trabalho. Relatórios, informativos e outros recursos.

Crianças com Deficiências

<http://www.childrenwithdisabilities.ncjrs.org/>

A página Web Crianças com Deficiências possui informações para famílias, fornecedores de serviços e indivíduos sobre defesa, educação, emprego, saúde, moradia, recreação, assistência técnica e transporte. O site é dividido em recursos federais, estaduais/locais e nacionais; um calendário de eventos; informações sobre doações e financiamentos; pesquisa e estatísticas; projetos de "Jovens para Jovens" e destaques de novas funções e recursos.

ChildStats.gov: Fórum sobre Estatísticas Infantis e Familiares

<http://childstats.gov/>

Este é o Web site oficial do Fórum Federal Interagências sobre Estatísticas Infantis e Familiares, que fomenta a coordenação e a colaboração no recolhimento e relato de estatísticas federais sobre crianças e famílias. O site oferece fácil acesso para estatísticas federais e estaduais e relatórios sobre crianças e suas famílias. Os tópicos abordados incluem: características da população e família, segurança econômica, saúde, comportamento, ambiente social e educação.

Conselho de Famílias Contemporâneas (CCF)

<http://www.contemporaryfamilies.org/>

Através da disseminação de materiais educacionais, cobertura dos meios de comunicação, conferências e seminários, o CCF aumenta "o debate nacional sobre as necessidades das famílias contemporâneas e como essas necessidades podem ser melhor atendidas". Publicações recentes, reportagens, links e outros recursos são acessíveis nessa página.

Eparent.com

<http://www.eparent.com/>

Versão on line de "Exceptional Parent Magazine", este site oferece "informações, apoio, idéias, encorajamento e extensão de serviços para pais e famílias de crianças com deficiências e os profissionais que trabalham com elas". O site é pesquisável e fornece um meio para que os visitantes (adultos e crianças) troquem informações sobre suas experiências. Links para produtos e serviços; livros, vídeos e programas de computador; brinquedos; recursos sobre assistência médica, mobilidade e planejamento financeiro também são incluídos.

Instituto Famílias e Trabalho

<http://www.familiesandworkinst.org/>

Este grupo de defesa sem fins lucrativos aborda "a natureza mutante do trabalho e da vida familiar". As atividades principais incluem pesquisa de política e locais de trabalho, avaliação e assistência técnica e disseminação de relatórios de pesquisa e outras publicações. Outra iniciativa importante é o Projeto Paternidade (<http://www.igc.org/fatherhood/>). Fundado em 1981, este projeto nacional de educação e pesquisa examina o futuro da paternidade e está desenvolvendo formas de apoiar o envolvimento dos homens na educação das crianças, utilizando livros, filmes, seminários, consultas e treinamento.

Gerações Unidas

<http://www.gu.org/>

Gerações Unidas é uma coalizão nacional dedicada à política, programas e questões intergerações. Ela serve de recurso e fórum para os elaboradores de políticas e para os que trabalham com assistentes sociais. Essa página Web descreve programas inovadores, legislação, estratégias legais, benefícios públicos, grupos de apoio e outras iniciativas relacionadas com avós e outros parentes que estão criando crianças sem a presença de um dos pais.

Instituto de Pesquisa da Política das Mulheres

http://www.iwpr.org/research_work.html

Questões de trabalho e família são de importância fundamental para esta organização de pesquisa científica sem fins lucrativos. Os projetos atuais determinam a necessidade de licenças familiares e médicas, entrevistam mulheres proeminentes sobre sua luta para combinar trabalho e família e analisam questões relacionadas com turnos de trabalho e assistência às crianças.



Centro Nacional de Paternidade e Famílias

<http://www.ncoff.gse.upenn.edu/>

O NCOFF é um centro interdisciplinar de pesquisa política dedicado ao estudo do envolvimento dos pais e do desenvolvimento das famílias. Seções desse site incluem FatherLit, banco de dados on line; banco de dados de eventos; publicações do NCOFF; o Web site Father&FamilyLINK; lista de recursos de pesquisa nacional, consciência pública, prática e política; e oportunidades de emprego.

Centro Nacional de Informações sobre Assistência Infantil

<http://nccic.org/>

Este centro relaciona informações e pessoas para "complementar, aumentar e promover" o sistema de fornecimento de assistência infantil e trabalha para garantir que todas as crianças e famílias tenham acesso a serviços abrangentes de alta qualidade. O centro é um projeto do Escritório de Assistência Infantil da Administração de Crianças e Famílias do Departamento de Saúde e Serviços Humanos dos Estados Unidos.

Conselho Nacional de Relações Familiares

<http://www.ncfr.com/>

A missão do conselho é agir como "fórum para que pesquisadores familiares, educadores e técnicos compartilhem o desenvolvimento e a disseminação do conhecimento sobre famílias e relacionamentos familiares..." A organização também edita duas publicações acadêmicas, "Jornal do Casamento e Família" e "Relações Familiares", bem como livros, fitas de áudio e vídeo e ferramentas de aprendizado. Ele organiza uma conferência anual, promove a educação da vida familiar e fomenta o diálogo entre os profissionais da família, utilizando diversas abordagens que incluem esse Web site.

Centro Alfred P. Sloan da Família Que Trabalha sobre Pais, Crianças e Trabalho

<http://www.spc.uchicago.edu/orgs/sloan/>

Este centro da Universidade de Chicago dedica-se a "compreender como as influências intrinsecamente entrelaçadas experimentadas pelas famílias que trabalham afetam os pais, as crianças e a vida familiar". Nesse Web site você poderá encontrar relações de seminários, publicações, relatórios, monografias e links.

Associação das Famílias com Padrastos dos Estados Unidos

<http://www.stepfam.org/>

Links para livros, materiais educacionais, eventos e atividades de defesa, fatos, números e diversos outros programas e serviços estão localizados nesse site. A SAA é uma organização nacional, que oferece educação, treinamento e apoio às famílias com padrastos e profissionais que trabalham com famílias com padrastos.

Escritório do Censo dos Estados Unidos

<http://www.census.gov/>

O Web site do Escritório do Censo proporciona acesso on line aos seus dados, publicações, produtos e programas. Alguns dos tópicos abordados incluem crianças, lares e famílias, assistência infantil, avós e netos. Também são oferecidas projeções de população para lares e famílias.

Departamento de Saúde e Serviços Humanos.

Administração de Crianças e Famílias

<http://www.acf.dhhs.gov/>

Responsável por programas federais que promovem o bem estar sócio-econômico das famílias, crianças, indivíduos e comunidades, a ACF oferece nessa página acesso a informativos, reportagens e estatísticas sobre tópicos que variam da adoção ao desenvolvimento dos jovens.

Departamento de Trabalho dos Estados Unidos.

Escritório das Mulheres

<http://www.dol.gov/dol/wb/>

É fundamental para a missão desta agência governamental "a responsabilidade de defender e informar as mulheres diretamente e também o público sobre os direitos das mulheres ao trabalho e questões de emprego". Dentre os diversos recursos dessa página, encontra-se uma seção sobre assistência infantil e assistência aos mais velhos. O Escritório das Mulheres também organiza um centro de trabalho e família e é fonte de muitas publicações úteis.

Refúgio das Mães que Trabalham

<http://www.momsrefuge.com/>

A fundadora do Refúgio das Mães que Trabalham afirma: "Senti por muito tempo que não havia um site na Web que realmente falasse para mim e para a minha vida. Por isso, convidei esta comunidade improvisada de mães que trabalham a ajudar-me a criar este lugar... Este é um lar para todas nós que vivemos a vida maníaca dos malabarismos". Os recursos cobrem família, carreira, mães solteiras, as vozes dos pais e notícias. ■

SOCIEDADE E VALORES DOS EUA

VOLUME 6 PUBLICAÇÃO ELETRÔNICA DO DEPARTAMENTO DE ESTADO DOS ESTADOS UNIDOS NÚMERO 1

A Família Norte-americana



— JANEIRO DE 2001 —